



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS – LÍNGUA
PORTUGUESA
CAMPUS SÃO BERNARDO

DIOGO GONÇALVES DA SILVA

**O DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO JORNALISMO
NOTICIOSO**

São Bernardo – MA

2023

DIOGO GONÇALVES DA SILVA

**O DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO JORNALISMO
NOTICIOSO**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão, campus de São Bernardo, para obtenção do grau de Licenciado em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kátia Cilene Ferreira França

São Bernardo – MA

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Gonçalves da Silva, Diogo.

O discurso de divulgação científica no jornalismo
noticioso / Diogo Gonçalves da Silva. - 2023.

90 p.

Orientador(a): Kátia Cilene Ferreira França.

Curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa,
Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2023.

1. Divulgação Científica. 2. Texto Jornalístico. 3.
Discurso Citado. I. Ferreira França, Kátia Cilene. II.
Título.

DIOGO GONÇALVES DA SILVA

**O DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO JORNALISMO
NOTICIOSO**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão, campus de São Bernardo, para obtenção do grau de Licenciado em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kátia Cilene Ferreira França

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Kátia Cilene Ferreira França (Orientadora)

Doutora em Estudos da Linguagem

Universidade Federal do Maranhão – Campus São Luís

Prof.^a Ma. Maria Valcirene Oliveira Braga (SEMED – Santana – MA)

Mestra em Letras

Prof.^a Ma. Maria Claudiane Silva de Sousa (SEDUC - RN)

Mestra em Estudos da Linguagem

Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Rio Grande do Norte

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais, pela oportunidade de estudar e pelo apoio durante todo esse processo. Essa vitória não é só minha, é de vocês também! Aos meus irmãos, pois sem vocês eu não teria chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus trino, que por sua graça e misericórdia de pai, amigo e conselheiro que me deu forças para chegar até aqui.

À minha mãe e ao meu pai por não medirem forças e me apoiarem durante toda minha vida.

À minha família, base da minha vida, por estar comigo nos momentos difíceis e por celebrar os felizes.

À professora doutora Kátia Cilene Ferreira França, minha orientadora, por ser fonte de inspiração, por guiar e iluminar os caminhos desta pesquisa, sempre com muita paciência.

Minha eterna Gratidão à Universidade Federal do Maranhão pela oportunidade de estudar e conhecer pessoas novas.

A todos os meus eternos professores do curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa, pelos ensinamentos. Aos meus colegas de turma pelo companheirismo e pelos sorrisos que deixavam tudo mais leve e suportável.

Aos amigos do Grupo de Estudo Escrita e Produção de Saberes (GEEPS), pelos momentos de aprendizagem compartilhados!

Agradeço também a Universidade Federal do Maranhão - UFMA, pelo suporte durante a realização desta pesquisa ao financiar minha primeira bolsa de iniciação científica.

Sou grato à Fundação de Amparo à Pesquisa no Maranhão - FAPEMA, por ter financiado a bolsa de estudos que dava continuidade à minha pesquisa anterior que culminou com a realização deste trabalho.

Muito obrigado a todos que estiveram ao meu lado e torceram por mim!

EPÍGRAFE

A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social

(Mikail Bakhtin)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA - O QUE É?	13
3. CONSIDERAÇÕES SOBRE ENUNCIADO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA.....	16
4. OS JORNAIS E O DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	20
4.1 Jornalismo Noticioso	20
4.2 O discurso citado e a divulgação científica em jornais	23
4.3 Os jornais online e o leitor	25
5.	PROCEDIMENTOS
METODOLÓGICOS	28
6. DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM JORNAIS: um jogo responsivo, uma arena de conflitos	32
6.1 O conflito entre vozes de diferentes instâncias e a voz do cientista.....	32
6.2 A voz do cientista como contrapalavra ao discurso negacionista ambiental	42
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59
Anexos.....	62

RESUMO

O presente trabalho analisa o discurso de divulgação científica em textos jornalísticos a partir da perspectiva bakhtiniana que compreende a linguagem como atividade dialógica, a palavra como uma arena de lutas sociais entre sujeitos responsivos. No texto jornalístico é possível observar a mobilização de vozes e a posição valorativa que cada representante adota, além do papel de mediador que o jornalista desempenha ao colocar em confronto a voz de diferentes representantes de instâncias do poder. O discurso citado deixa explícito a alternância dos sujeitos, qual o lugar de origem de cada enunciador e qual posição valorativa ele ocupa. Quando observamos as notícias relacionadas ao período da pandemia de Covid-19 e da crise de saúde vivenciada pelos índios Yanomamis fica evidente o confronto entre o discurso negacionista difundido por representantes do governo federal e o discurso de divulgação científica que circula no texto jornalístico. Noticiar envolve colocar em confronto vozes que representam diferentes esferas como os cientistas e especialistas, os representantes indígenas e os representantes do governo federal. Para este estudo, delimitamos notícias dos jornais online G1 Bahia, Nexo Jornal, Poder360, relacionadas ao período da pandemia de covid-19; e CNN, Um Só Planeta, BBC News e Agência Câmara de Notícias, que divulgam informações voltadas para a crise humanitária e de saúde enfrentada pelos índios Yanomamis no Norte do Brasil. Esses jornais divulgam informações relevantes para a sociedade e como tal acabam por trazer junto a essas informações o discurso de divulgação científica que se contrapõe ao discurso negacionista. O discurso citado permite analisar os sentidos que ele causa no texto jornalístico através do dizer de representantes do pensamento científico para validar e dar credibilidade à reportagem ao mesmo tempo em que apresenta falas negacionistas que negligenciam e contribuem para o agravamento da pandemia de covid-19 e da crise de saúde enfrentada pelos índios Yanomamis. A análise das reportagens está pautada nos estudos enunciativos, na análise do discurso e na mobilização de conceitos e autores como alteridade em (AUTHIER-REVUZ, 1998), o discurso citado, dialogismo e contrapalavra em (BAKHTIN, 2006), divulgação científica e efeito leitor em (ORLANDI, 2001) e jornalismo noticioso em (CORREIA, 2009).

Palavras-chave: Divulgação científica; texto jornalístico; discurso citado.

ABSTRACT

The present work analyzes the discourse of scientific dissemination in journalistic texts from the Bakhtinian perspective that understands language as a dialogical activity, the word as an arena of social struggles between responsive subjects. In the journalistic text, it is possible to observe the mobilization of voices and the evaluative position that each representative adopts, in addition to the role of mediator that the journalist plays in comparing the voices of different representatives of instances of power. The speech cited makes explicit the alternation of subjects, what is the place of origin of each enunciator and what evaluative position he occupies. When we observe the news related to the period of the Covid-19 pandemic and the health crisis experienced by the Yanomami Indians, the confrontation between the denialist discourse disseminated by representatives of the federal government and the scientific dissemination discourse that circulates in the journalistic text becomes evident. Reporting involves bringing into conflict voices that represent different spheres, such as scientists and experts, indigenous representatives and representatives of the federal government. For this study, we delimited news from the online newspapers G1 Bahia, Nexo Jornal, Poder360, related to the period of the covid-19 pandemic; and CNN, Um Só Planeta, BBC News and Agência Câmara de Notícias, which disseminate information focused on the humanitarian and health crisis faced by the Yanomami Indians in Northern Brazil. These newspapers disseminate relevant information for society and as such end up bringing together with this information the discourse of scientific dissemination that opposes the denialist discourse. The speech cited allows us to analyze the meanings it causes in the journalistic text through the words of representatives of scientific thought to validate and give credibility to the report while at the same time presenting denialist speeches that neglect and contribute to the worsening of the covid-19 pandemic and of the health crisis faced by the Yanomami Indians. The analysis of the reports is based on enunciative studies, discourse analysis and the mobilization of concepts and authors such as otherness in (AUTHIER-REVUZ, 1998), the cited discourse, dialogism and counterword in (BAKHTIN, 2006), scientific dissemination and effect reader in (ORLANDI, 2001) and news journalism in (CORREIA, 2009).

Keywords: Scientific dissemination; journalistic text; quoted speech.

1. INTRODUÇÃO

O discurso de divulgação científica no jornalismo noticioso é o ponto que será explorado ao longo deste trabalho com ênfase nas notícias relacionadas ao período da pandemia de Covid-19 e à crise de saúde enfrentada pelos índios Yanomamis, analisando as vozes que estão camufladas por trás de cada enunciado. Em ambas reportagens a análise será voltada para a mobilização de vozes, os sujeitos que se alternam e quais posições valorativas os sujeitos adotam. O discurso de divulgação científica será manifestado por meio da fala do especialista ou do cientista, que ocupam papel de destaque na construção do texto jornalístico em tempos de discursos negacionistas. Por está em alta o uso de dispositivos móveis, como o aparelho celular e outros mais, as notícias passaram a circular nesta modalidade levando junto consigo o discurso de divulgação científica.

Os jornais impressos circulam até os dias atuais, mas em número reduzido devido ao surgimento da internet, das telas de computadores, dispositivos móveis e de plataformas virtuais, que promovem uma mudança nos suportes, no alcance de leitores e na velocidade de produção das notícias em jornais. Houve uma migração do papel para as telas. Uma das principais causas que levaram os jornais a migrarem para as plataformas digitais foi o surgimento das novas tecnologias. Isso faz com que as notícias e informações estejam cada vez mais próximas das pessoas contribuindo para que os jornais que circulam na modalidade online alcancem um grande número de leitores, visto que os usuários desses dispositivos móveis sentem a necessidade de estarem sempre informados. Essa imediatez com que ocorre a divulgação de notícias coloca os leitores próximos e informados sobre todos os acontecimentos que ganham destaque nas chamadas dos jornais ao redor do globo. Junto com a divulgação das notícias, está a curta distância entre os fatos e a circulação dos fatos pelos jornais.

Dessa forma, os jornais não apenas preocupam-se em descrever os fatos, eles buscam descobrir quais são as vozes que estão camufladas por trás dos acontecimentos. Além disso, há uma preocupação em saber, por diferentes vias, o que ocasionou determinado acontecimento, isto é, o jornalismo noticioso busca

saber a veracidade dos fatos com a intenção de colocar em confronto diferentes posicionamentos. Isso faz com que o leitor esteja em contato com diferentes narrativas, de um modo que ele saiba diferenciar e identificar as diferentes vozes que se movem por trás de cada enunciado jornalístico.

Como o discurso de divulgação científica no jornalismo noticioso preocupa-se em colocar em confronto as diferentes vozes que constroem o texto jornalístico, ao se tratar de assuntos de relevância social, como é o caso da pandemia de Covid-19 e a crise de saúde enfrentada pelos índios Yanomamis na Amazônia, há um diálogo com diferentes fontes e vozes mobilizadas que contribuem para que o leitor adote um posicionamento crítico acerca dos fatos. Uma dessas vozes, é a dos especialistas e a dos cientistas que são mobilizadas no texto jornalístico para dar credibilidade às notícias e convencerem o leitor a adotar um posicionamento crítico defendido pelos especialistas e pautado em pesquisas científicas.

A voz desses especialistas se manifesta, nos textos jornalísticos, através do discurso citado que o divulgador utiliza na construção do seu texto, com a finalidade de caracterizá-lo como algo científico e com a intenção de convencer o leitor a acreditar que seu texto é verdadeiro e relevante, pois é escrito se valendo da fala de alguém que está falando apoiado cientificamente. Nesse sentido, o papel do especialista e do cientista no texto jornalístico é tornar a notícia verdadeira por meio da voz de alguém que é especialista na área em questão. O discurso citado dos especialistas é uma voz mobilizada em favor da ciência nas notícias de jornais com a finalidade de se contrapor à fala de alguém ou ao conhecimento empírico gerando um conflito entre as vozes de diferentes representantes das instâncias de poder.

Isso implica pensar nas diferentes vozes utilizadas na construção da notícia em jornais on-line. Não é só a fala do especialista que é evocada no texto jornalístico, mas há também a necessidade de divulgar o conhecimento científico, ou seja, aquilo que é produzido pelos especialistas nas academias e universidades é colocado nas notícias por meio da fala dos especialistas de forma acessível ao leitor. Esse tipo de notícia ganhou destaque no período da pandemia de Covid-19 e, recentemente, na crise de saúde enfrentada pelos índios Yanomamis por ser justamente um tipo de notícia que coloca em questão vozes diferentes e que se contrapõem.

Portanto, o objetivo principal deste trabalho é analisar como o discurso citado é mobilizado em diferentes enunciados de divulgação científica, quem são os enunciadores originais e quais são seus lugares de origem, com a finalidade de analisar a relação entre o discurso de divulgação científica e as várias formas de circulação dos enunciados de DC no texto jornalístico. Neste trabalho, o interesse consiste em analisar textos que circulam como jornalismo noticioso, nas palavras de Correia (2009, p.4) “um enunciado (não científico) que se assume como verdadeiro, ou seja, que apresenta e assume como tal e se refere a objetos, pessoas e estados de coisas do mundo”, possui um interesse coletivo, circula em espaços de acessibilidade, se baseia na atividade de divulgação e de cuidado em alcançar o grande público.

Este trabalho está organizado em seis capítulos que vão mostrar uma análise de diferentes vozes em textos jornalísticos que circulam nos jornais online, com a intenção de deixar evidente o conflito entre os representantes dessas vozes e os representantes de diferentes instâncias de poder. Na introdução há uma exposição do que será abordado neste trabalho, bem como uma apresentação da temática e a forma como será explorada. No capítulo um a discussão será sobre enunciado e a divulgação científica. O capítulo dois está dividido em quatro subtópicos que vão abordar sobre os jornais online, o discurso de divulgação científica e o leitor. O capítulo quatro mostra a metodologia que a pesquisa foi feita. Já o capítulo cinco será voltado para as análises das notícias sobre a pandemia de covid-19 e a crise de saúde enfrentada pelos índios Yanomamis. E o capítulo seis está voltado para considerações finais acerca deste trabalho.

2. DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: o que é?

O discurso de divulgação científica nasce a partir do discurso científico. Esse último é um discurso produzido por especialistas e cientistas vinculados a instituições de pesquisa com a finalidade de melhorar a qualidade de vida dos seres vivos, incluindo a espécie humana, principalmente quando essas pesquisas são desenvolvidas em áreas de grande relevância para a sociedade. São pesquisas comandadas por cientistas e especialistas que estão atentos às condições de sobrevivência na terra, buscando sempre solucionar problemas e desvendar mistérios que até então são desconhecidos pela sociedade ou são alimentados por discursos sem fundamentação científica. Ao final de cada pesquisa são divulgados os resultados para a comunidade científica e, em seguida, para a comunidade em geral.

O discurso científico é um complexo e que se vale de termos específicos que só pessoas ligadas à área são capazes de desvendar sem recorrer a sites de pesquisa. Nesse sentido, o discurso científico é construído com a intenção de divulgar, usando uma linguagem complexa e sites restritos, o resultado de uma pesquisa para a comunidade científica expondo simultaneamente os métodos e técnicas que serviram de suporte durante a realização do trabalho. Depois que os resultados são realmente comprovados e aceitos por toda comunidade científica, o discurso ganha outra roupagem e passa a ser divulgado para a população em geral. Essa tarefa transforma o discurso científico e adequa-o a outros meios de divulgação de um modo que ele se torne um discurso de divulgação do conhecimento científico, ou simplesmente, um discurso de divulgação científica.

O discurso de divulgação científica (DDC) é tradicionalmente visto como uma atividade de disseminação do conhecimento científico ao grande público. Trata-se, como diz Authier-Revuz (1998), de um enunciado elaborado em direção ao exterior da esfera acadêmica, voltado para leitores e ouvintes leigos, sem a pretensão de formá-los como especialistas de uma área ou então torná-los cientistas. Falar sobre divulgação científica nos faz parar para pensar, como diz Orlandi (2001) sobre a presença e a circulação do conhecimento na sociedade através das mídias digitais como, por exemplo, o jornalismo noticioso

que circula online. A exterioridade da ciência, que sai de seu meio para se fazer presente no cotidiano da sociedade, não guarda os sentidos dos textos científicos, não se transporta o sentido de um discurso para o outro. Há um jogo interpretativo do divulgador que reformula considerando a quem se dirige, os meios e as condições de circulação nas mídias.

A perspectiva de que os textos de divulgação científica guardam um efeito de cientificidade e a de que a materialidade discursiva desses textos deixa à mostra uma série de funções implícitas dos textos de DC dialogam com a concepção de que é preciso desconstruir a ideia de obviedade de sentidos e entender a língua como estrutura e acontecimento discursivo, como uma atividade dialógica de interação. Essa concepção bakhtiniana ganha destaque porque considera que todo dizer é responsivo, o que eu digo retoma já ditos ao mesmo tempo em que se projeta para a construção de novos enunciados. Para melhor analisar e perceber a presença de enunciados de DC é necessário delimitar um campo específico, nesse caso, o campo jornalístico inserido no contexto das mídias digitais.

O discurso de divulgação científica é um discurso construído a partir do conhecimento produzido nas academias e universidades, que é algo complexo e restrito somente a pessoas ligadas às respectivas áreas. Portanto, o discurso de divulgação científica adota a tarefa de reformular esse discurso primeiro criando um segundo discurso, que seria o discurso de divulgação científica. O discurso de DC consiste em um discurso simples e acessível ao grande público de um modo que a informação principal tenha sido repassada. Essa tarefa é feita levando em consideração a obviedade de obter-se conhecimento científico de forma simples e objetiva, embora para isso o leitor tenha que acessar sites próprios para a divulgação do conhecimento científico. Mas esse tipo de discurso não está preso somente a sites específicos, ele circula nas mídias digitais camuflado de várias sendo encontrado principalmente em textos de notícias jornalísticas.

Além disso, o discurso de divulgação científica, como diz Orlandi (2001), é marcado por uma certa especificidade em seu dizer, isto é, o discurso de DC, mesmo que seja um discurso de reformulação como diz Authier-Revuz(1998), traz consigo um efeito de cientificidade. Ele vai abandonar termos específicos conhecidos pelos especialistas e cientistas, vai abandonar a linguagem

rebuscada, vai deixar de circular em espaços restritos para a produção de conhecimento científico e vai adotar outra roupagem. Nesse espaço de reformulação cria-se um discurso novo com características próprias como, por exemplo, a adoção de uma linguagem simples, vai tornar-se acessível a todas as camadas da população e vai começar a circular em revistas voltadas para a divulgação do conhecimento e até mesmo em espaços destinados a divulgação de informações relevantes para a sociedade, mas sem jamais perder seu caráter científico.

Por ser um discurso novo criado a partir da existência de um discurso primeiro, urge a necessidade de alguém para desempenhar tal função. Como trata-se de um discurso voltado para todo tipo de público e leitor, o discurso de divulgação científica adota esse caráter expansivo que se preocupa que todos tenham acesso ao conhecimento científico. Portanto, na elaboração do discurso de DC há a necessidade de um divulgador que organize e saiba divulgar sem corromper o discurso primeiro. O divulgador é alguém que tem conhecimento na área, geralmente um especialista, um cientista ou um jornalista. Esse é último é o que mais cumpre a função de divulgar o conhecimento científico nas mídias digitais, porque sempre no jornalismo é comum recorrer à voz de alguém da área para melhor explicar a situação. E nesse misto de notícias e informações o jornalista acaba por fazer a tarefa de divulgação científica ao grande público. Dessa forma, o discurso de divulgação científica nas mídias digitais depende do eixo: notícia, jornalista e público leitor. É um discurso simples que busca alcançar o maior número possível de pessoas para que todos aprendam que a voz ciência é necessária na sociedade atual e percebam que a ciência ocupa um importante papel em uma sociedade em desenvolvimento.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE ENUNCIADO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

O enunciado é do plano do irrepetível, tendo em vista que é um evento único da comunicação discursiva, que pode ser citado, mas nunca repetido. Todo enunciado nasce como resposta a outros enunciados, ou seja, surge como sua réplica ao longo da comunicação verbal. Volochinov (2017) chama atenção para a produção de enunciados como uma atividade que sempre responde algo e se orienta para uma resposta, como um elemento indissociável da esfera de comunicação social na qual é elaborado, logo, não pode ser analisado como uma abstração, mas como um ato discursivo. A palavra, por sua vez, é produto ideológico vivo, funcionando em qualquer situação, é signo ideológico porque acumula as entonações do diálogo vivo entre os interlocutores, com seus tons valorativos.

No processo de comunicação verbal, cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se cruzam e lutam valores sociais de orientação contraditória, ao mesmo tempo em que na interação a palavra funciona como uma ponte lançada entre os participantes. Nesse jogo interativo, Bakhtin/Volochinov (2006, p.137) diz que a “compreensão é uma forma de diálogo, ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra”, é como uma faísca elétrica que faz acender uma lâmpada. Em textos jornalísticos, pressupõe-se que o discurso citado de cientistas funciona como uma contrapalavra que faz acender a luz sobre as trevas que representam o negacionismo da voz da ciência. Bakhtin (2006) propõe trabalhar a teoria da enunciação e os problemas sintáticos como uma maneira de observar o dialogismo e a polifonia na construção de enunciados e de gêneros do discurso, uma vez que o dialogismo e a polifonia são identificados, respectivamente, quando há a alternância dos sujeitos e a presença de outras vozes em um enunciado.

A construção de um enunciado implica esses fatores e outros mais. Trata-se de algo que é produzido sempre levando em consideração a presença do outro a quem ele se dirige, isso faz com ele seja do plano do irrepetível. Ao ser proferido uma vez, um enunciado jamais poderá ser dito novamente, o que acontece é chamado de recuperação do já ditos, é possível recuperar os

sentidos, mas nunca é possível recuperar a mesma entonação, situação e contexto. Outra característica que lhe é inerente é ser individual e não reiterável, portanto, um enunciado tem sentido diferente cada vez que é usado e vai depender da situação histórica concreta, mesmo que todo dizer possa ser caracterizado como responsivo porque o que eu digo retoma já ditos e simultaneamente se projeta para a construção de novos enunciados, mesmo ele retomando os já ditos ele continua sendo único.

De acordo com essa perspectiva pode-se pensar o texto jornalístico como um enunciado responsivo, isto é, como diz Bakhtin (1997, p.295) “um enunciado que antes da sua formação comporta os enunciados dos outros e depois do seu fim há os enunciados respostas dos outros”. Assim, o texto jornalístico é formado por outros enunciados e por discursos citados que deixam ver seu caráter irrepetível, pois mesmo tendo várias possibilidades de sentido ele ainda vai continuar sendo único, isso pode ser aplicado às notícias de jornais, uma vez que elas são sempre retomadas em contextos diferentes e apresentam vários significados nesses diferentes contextos.

O enunciado pode ser caracterizado como sendo heterogêneo, como chama Authier-Revuz (1998). Por exemplo, o enunciado “João deu um golpe” temos então, um enunciado heterogêneo na concepção de Authier-Revuz (1998), pois a palavra “golpe” pode significar mais de uma coisa como golpe militar, corte, cilada, característica das artes marciais. Nesse sentido, como se trata da dependência de um contexto é preciso levar em consideração o local de fala do enunciador para não haver equívocos, bem como outros aspectos contextuais, pois nada começa por geração espontânea, tudo começa a partir do outro.

Dessa forma, o enunciador começa sempre no discurso outro. Nessa abordagem sobre enunciado e o discurso outro faz-se necessário um diálogo com Authier-Revuz (1998) para melhor explorar esse campo, começando através da desconstrução da língua como compacta e fechada e enfatizando a heterogeneidade presente no discurso, algo que caracteriza o discurso outro como essencial na construção de futuros enunciados.

É preciso abandonar o caráter homogêneo, fechado e repetível que permeava a concepção de língua como unidade de regras e combinações e reforçar a língua como articulada ao sujeito e ao mundo, não repetível, afetada pela subjetividade. Significa pensar que

o fenômeno da heterogeneidade tem relação com a interação língua e discurso" (AUTHIER-REVUZ 1998, p 18).

O enunciado é algo produzido pelo ser humano no momento da comunicação despertando uma relação de pergunta e resposta que vão muito além de um diálogo face a face, valendo ressaltar que todo enunciado sempre retoma o já dito. Os enunciados de divulgação científica em textos jornalísticos escritos põem à mostra a discussão que estamos levantando e nos fazem buscar entender como a voz da ciência chega ao grande público e materializa enunciados em confronto, como pode ajudar a formar alunos e professores atentos e críticos.

O enunciado de DC mostra a relação entre discurso assertivo que adota uma certa autoridade para interpretar os fenômenos do mundo (ciência), um discurso de didatização ao explicar os conceitos científicos (pedagogia) e um discurso que celebra a descoberta científica para a sociedade mais ampla que consome textos da mídia (MOTTA ROTH, 2016, p.167).

Por ser um enunciado que mostra a verdade segundo a ciência, por meio de um discurso pautado em comprovações científicas e exerce uma certa autonomia para desvendar e interpretar, melhor que ninguém, os fenômenos da academia, o enunciado de DC para tornar o que está sendo dito mais acessível ao público, recorre a uma forma de didatização, de simplificação dos conceitos científicos. Se o enunciado de DC é aquele que circula na esfera jornalística e digital, além de abordar essas questões de tornar acessível ao público o conhecimento produzido na academia, ele é um enunciado que mobiliza diferentes vozes e, certamente, apresenta um suposto confronto nos textos de DC. O enunciado de DC se preocupa com o que está sendo repassado ao interlocutor, faz segundo Authier-Revuz (1998), uso de modalizações como as aspas e parênteses, ou seja, de recursos que ajudam a levar a fala do cientista para fora dos laboratórios. Assim, a divulgação científica visa tornar público o conhecimento por meio de enunciados científicos que trazem a voz da ciência como ponto principal, ou então, que fazem um contraponto entre ciência e empirismo.

O papel do divulgador ou jornalista, além de simplificar a linguagem do que está sendo dito, é relacionar a distribuição das informações, acontecimentos, descobertas, evoluções por meio de uma ordem linguística, nesse caso, através de textos, aos extremos da sociedade, às massas populares

como diz Moirand (2016, p.11) por meio “de palavras de especialistas mais ou menos adaptadas ao público (pedaços de entrevistas inseridas em telejornais, reformulações de discursos-fonte diversamente relatados no fio de artigos da imprensa ordinária)”. Portanto, o papel decisivo que o jornalista adota consiste em organizar no fio do discurso informativo as vozes do outro para conferir à matéria um caráter científico, por meio das palavras dos especialistas, ou seja, ele vai adaptá-las ao público leitor que tem acesso a esses jornais que, de certa forma, acabam por divulgar o conhecimento científico como fala a discussão abaixo.

4. OS JORNAIS E O DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

O papel principal dos jornais é divulgar informação para a população, informações reais e verdadeiras. Com isso, eles exercem um papel fundamental em uma sociedade que diariamente surgem acontecimentos novos. Dentre esses acontecimentos novos há várias áreas englobadas como a educação, trabalho, esporte, saúde e ciência e os jornais com a imensa ânsia de divulgar todos os acontecimentos importantes para o público, acabam por fazer a divulgação científica. A divulgação científica é um processo que ocorre a partir da simplificação da linguagem empregada pelo jornalista, ao dizer com palavras mais simples, o que os cientistas produzem dentro de uma comunidade acadêmica compacta e fechada. Isto é, consiste em uma espécie, como diz Orlandi (2001), de tradução do conhecimento científico dominado por um pequeno grupo seletivo de pessoas para o grande público, as massas populares.

As mídias digitais facilitaram bastante essa relação do conhecimento científico com as massas sociais, porque ao divulgar esse conhecimento produzido por pessoas eruditas às pessoas simples, ele vai recorrer às ferramentas mais utilizadas por essas pessoas, ou seja, quem tem acesso à internet está diretamente em contato com a DC nas mídias digitais, pois existem matérias jornalísticas para serem lidas na íntegra e compartilhadas pelo WhatsApp, sem contar as próprias revistas científicas especializadas.

Pensar sobre a divulgação científica nos jornais é algo que vai muito além da simples divulgação de descobertas, mas é algo voltado para a mobilização de vozes que constituem os enunciados de DC que circulam nesses jornais. Ao focar nessa mobilização de vozes pode-se perceber a alternância dos sujeitos e as marcações da fala do outro. Diante dos enunciadores que se alternam faz-se necessário descobrir quais são suas falas, quem está falando, como a voz do outro chega ao meu texto, dentre outros aspectos que serão tratados no tópico a seguir.

4.1 Jornalismo Noticioso

Para um enunciado assumir a condição de enunciado jornalístico ele deve seguir alguns critérios como, por exemplo, ser verdadeiro, ser relevante, ser atual, ser produzido por alguém que tenha formação na área e deve circular de forma acessível à grande parte da população. A maioria dos enunciados passa por todas essas caracterizações, mas a ênfase consiste em focar nos aspectos que dizem respeito à atualidade e à relevância, pois estas duas últimas os caracterizam como pertencendo aos critérios de enunciados jornalísticos.

O critério da atualidade baseia-se em notícias e acontecimentos atuais. Para que os enunciados que nascem a partir do critério de atualidade sejam considerados enunciados jornalísticos é preciso que eles sejam relevantes, isto é, eles devem gerar comentários e chamar a atenção da grande mídia e isso, por sua vez, vai torná-los pertencentes ao campo jornalístico. Assim, tanto os critérios de atualidade, quanto os de relevância contribuem para que o discurso jornalístico continue se sustentando ao longo do tempo porque os dois fazem parte do contexto social e cultural da sociedade. Analisar um fato, a partir de ambos conceitos, tornou-se algo comum nos tempos presentes.

A grande mídia ao analisar um fato para, em seguida, noticiá-lo, deve sempre estar atenta aos contextos sociais e culturais daquele acontecimento porque, às vezes, ele pode ser de relevância para um grupo e para o restante não. Nesse sentido, a divulgação de informações relacionadas à crise humanitária enfrentada pelos Yanomamis são notícias relevantes porque são do interesse de grande parte da população brasileira e também da comunidade internacional, justamente por se tratar da morte de pessoas indígenas que poderiam ter sido evitadas por meio de ações do governo federal. Isto é, trata-se de um acontecimento atual e relevante que merece destaque nos jornais.

Concordando com a relevância cultural e social há a questão da definição de uma notícia, “é o mesmo que dizer é aquilo que possui suficiente relevância e depende da própria estrutura da sociedade” (Correia, 2009, p.09). Mas não só depende da própria estrutura da sociedade como também depende da forma como chamar a atenção dos media, ou a grande mídia. Estes ao darem a atenção devida reforçam a sua importância (Correia, 2009), como é o caso da situação dos povos indígenas Yanomamis e a pandemia de covid-19.

Uma notícia, dependendo da sua relevância, é colocada em primeiro plano pelas plataformas de divulgação. Esse mesmo movimento ocorre porque

a sociedade deseja manter-se informada diariamente sobre assuntos relevantes e atuais que estão atrelados a esferas importantes da sociedade e ele ocorre também com a finalidade de expor algo que até pouco tempo não tinha destaque, mas por conta da situação, todos os jornais começam a noticiar em primeiro plano.

Os jornais e as mídias digitais nomeiam uma série de locais que podem tornar-se notícia, isto é, espaços que sempre – mensalmente, semanalmente ou diariamente - acabam por chamar a atenção do público e, assim, ficam em posição de destaque nos jornais. Esses espaços podem ser o parlamento, polícia, escolas, hospitais, estádios de futebol, o governo, etc, que sempre estão nas chamadas das reportagens que circulam diariamente e que são relevantes para todas as camadas da sociedade.

Finalmente, costuma-se entender que a relevância orienta a própria fabricação do enunciado jornalístico, exatamente porque o modelo de enunciado jornalístico – a notícia usa a técnica da pirâmide invertida – ordena os acontecimentos pela ordem de importância. (CORREIA, 2009, p.12).

Dessa forma, observa-se o critério da relevância como um fator determinante para a construção de um enunciado jornalístico a começar pelos mais importantes para o grande público e não apenas, ou equivocadamente, para as que interessam apenas aos jornalistas. A questão da atualidade está voltada para marcações temporais. As notícias que são produzidas ou geradas hoje devem ser divulgadas horas depois, mas vale primeiro, certificar-se do acontecido porque a notícia não pode esperar.

Além de ser importante para as pessoas que vão ler, a notícia deve ser atual e organizada de maneira clara, coesa e está bem construída estruturalmente para que o sentido e a informação não sejam comprometidos. O papel do jornalista consiste em tudo isso, como também em fazer uma reconstrução da verdade, contextualizar os fatos, procurar as suas causas e apresentá-las ao público de um modo que todos compreendam o que de fato aconteceu. Melhor dizendo, há um conjunto de regras que o jornalista deve seguir para que o público entenda.

4.2 O discurso citado e a divulgação científica em jornais

O discurso citado na DC pode ser encontrado de variadas formas como, por exemplo, o discurso direto, o discurso indireto, o discurso indireto livre. Eles são usados com várias finalidades desde trazer a voz do outro tal qual ele falou, ou trazê-la de uma forma que o enunciador a modifique um pouco, ou então, mostrá-la de uma forma que ela se confunda com a fala do enunciador. Além disso, o discurso citado também pode ser usado como uma forma de reforço para o que está sendo dito, é o que acontece com os enunciados de DC, o jornalista/divulgador diz com suas palavras, mas necessita da fala da ciência, do cientista para afirmar e dar credibilidade ao que ele está dizendo. Como diz (Bakhtin 2006, p.147) “o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação”, ou seja, o discurso citado é o discurso de alguém no meu discurso.

Ao mostrar os movimentos que o discurso citado causa junto aos enunciados de divulgação científica, pode-se mostrar a partir de agora um movimento que ele pode causar. Orlandi (2001, p.22) afirma que

A divulgação científica não é uma atividade de reformulação que visa a tradução de uma língua para outra língua, e sim de formulação, uma vez que o discurso de divulgação científica não é constituído por duas línguas distintas, mas por dois discursos que ocupam lugar em uma só língua.

Portanto, o discurso de DC não é constituído por línguas distintas, mas por dois discursos que ocupam um só lugar, discursos esses, que são o do divulgador/jornalista e o do cientista, assim, segundo a autora, o divulgador transita no entremeio de escritas, ou melhor, no entremeio do dizer da ciência, da mídia e do leitor.

O discurso citado ou discurso outro está presente em todas as formas de divulgação, pois ao sair da sua forma original, aquela em que ele é produzido dentro da academia por um grupo seleto de cientistas e chega à forma de DC ele torna-se um discurso outro ou um discurso segundo, produzido através de um discurso fonte ou discurso primeiro. É o que diz Moirand (2016, p.18) “dada a característica da DC de se configurar como uma ‘tradução’ do discurso científico, há aí um paradoxo instaurado: o leitor se vê lendo ciência, quando, com efeito, o que lê é um discurso outro, o discurso da DC”.

A presença do discurso citado não se resume apenas a ser tratado como tema do discurso que segue, mas “ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer ‘em pessoa’, como uma unidade integral da construção” (BAKHTIN, 2006, p.147). Dessa forma, o discurso citado não pode ficar apenas como parte superficial desse discurso de divulgação, ele deve entrar na construção frasal em forma de pessoa e passar a integrá-lo como uma parte fundamental desse discurso de DC.

Naturalmente, grande parte dos leitores de matérias sobre DC pensam que a presença do discurso de outrem nesses enunciados é uma relação de frases de efeito, sem pensar na quantidade de tempo que um determinado cientista ou especialista dedicou para chegar àquela conclusão e, ainda por cima, julgam sua inserção nesses contextos enunciativos como sendo de copiar e colar, sem levar em consideração as pessoas que estão envolvidas nessa produção e na divulgação, haja vista que é preciso levar em conta uma terceira pessoa, aquela a quem os enunciados estão sendo direcionados. “Essa orientação para uma terceira pessoa é de primordial importância: ela reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso” (BAKHTIN, 2006, p.149).

Bakhtin (2006) fala sobre três formas de discurso citado (discurso direto, indireto e indireto livre) há uma separação dual entre os que podem ser caracterizados como pertencentes ao discurso direto e os classificados como pertencentes ao discurso indireto e discurso indireto livre. Desse modo, temos a presença dessas duas dualidades no discurso de DC. O discurso direto é caracterizado pelas marcações específicas do discurso citado: aspas, travessões, itálico, negrito, etc.

Essas são formas que dão maior visibilidade ao discurso citado de outrem, pois o deixam em uma forma destacada e isolada, visando à conservação da sua integridade e autenticidade, competindo discernir igualmente o seu grau de firmeza ideológica, o grau de autoritarismo e de dogmatismo que o acompanha (BAKHTIN, 2006, p.153).

Bakhtin (2006) continua falando sobre discurso citado dizendo que o discurso citado indireto e o discurso citado indireto livre consistem na presença da fala de alguém dita pelo escritor em uma forma de intertextualidade e de paráfrase e, em última análise, é uma fala que coincide com a fala do autor, é

um meio sutil e versátil que permite ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem. Por conseguinte, todas essas formas de discurso citado compõem os enunciados de divulgação científica.

4.3 Os jornais online e o leitor

Os jornais impressos circulam até os dias atuais só que em número reduzido devido ao surgimento da internet, o fazendo migrar para a modalidade online. Como consequência dessa migração, os jornais, acabam por alcançar um número elevado de pessoas dada a facilidade de acesso, pois grande parcela da população possui um aparelho celular. Junto com as informações chegam os enunciados de divulgação científica, aqueles em que é possível perceber a mobilização de vozes e os discursos em confrontos por meio dos recursos utilizados pelo divulgador e também porque eles circulam amplamente nos jornais que são, em sua grande maioria, gratuitos.

Essa nova modalidade de circulação do texto jornalístico cria outra forma de leitura, que é chamada de leitura online, isto é, uma forma de ler a notícia na íntegra dispondo de novas ferramentas que ajudam a facilitar o entendimento do texto jornalístico como, por exemplo, os links espalhados ao longo da reportagem. Isso está relacionado com o que diz Chatier (1998) sobre a mudança da leitura do impresso para o digital e online, permitindo total liberdade ao leitor por meio da quebra de linearidade que é comum nesse novo espaço. “O novo suporte do texto permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro” (CHATIER, 1998, p.88)

Com o advento das mídias digitais e essas modificações de leituras sobre a DC, surgem as revistas científicas. No início, elas garantiam apenas uma pequena parte da matéria jornalística, ou então, vinham como notas de rodapé, notas explicativas, dentre outros. A partir de então, surgem as primeiras revistas voltadas para a divulgação de conhecimentos para o público em geral sobre ciência, no entanto, elas surgem ainda no formato impresso, tendo mais uma vez que se adaptar ou migrar totalmente para o digital. Umas adotaram as duas formas, outras permaneceram no formato impresso, outras foram fundadas já na modalidade online, mas o ponto principal é permanecer divulgando a ciência,

que nesse contexto digital, torna-se ainda mais abrangente dado as características do enunciado digital que adota a hipertextualidade como sendo uma parte inerente a ele.

Assim, ao analisar a evolução da divulgação científica por meio de revistas específicas, presume-se que a chegada das mídias digitais foi crucial para sua maior abrangência populacional, visto que nessa modalidade as informações voltadas para a DC podem ser rapidamente enviadas, compartilhadas e divulgadas. Os jornais online são caracterizados pela imediatez com que divulgam as informações à medida que os fatos vão acontecendo, mantendo sempre o leitor informado. Isso acontece porque o leitor está sempre utilizando, momentaneamente, seu dispositivo móvel que sempre lhe apresenta as manchetes dos jornais gratuitos mostrando-lhe os principais acontecimentos ao redor do mundo. Essa modalidade de jornal online possibilita a disputa de um território que não pertence a ninguém e que diariamente é movimentado pela ocasião de vários acontecimentos relevantes que deixam camufladas as vozes dos sujeitos que se alternam por trás de cada situação, ocasionando conflitos.

[...] “nas comunicações epistolares na tela, é necessário preservar as fórmulas de polidez e de referência aos destinatários. Há, portanto, aí um conflito de civilidade e um conflito de território que traduz, de fato, tensões” [...] (CHARTIER, 1998, p.94).

A leitura de uma notícia na modalidade online torna-se acessível a todos os leitores que dispõem de algum recurso tecnológico capaz de mostrar as várias formas que os jornais organizam a mesma informação. Isso contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico do leitor que busca ver o mesmo conflito em diferentes jornais. Nessa modalidade pode-se perceber que o foco principal, além de mostrar a mobilização de vozes por trás do texto jornalístico, é divulgar a notícia o mais rápido possível e já adaptada a outras formas de compartilhamento como, por exemplo, links que possibilitam o compartilhamento das notícias via grupos de WhatsApp, pelo Facebook, Instagram, Twitter, etc.

Através do compartilhamento das notícias, o leitor divulga o conhecimento científico com a intenção de tornar as descobertas conhecidas e com a intenção também de validar o discurso do jornalista, ampliando ainda mais os espaços de divulgação do discurso da ciência. A mobilização da voz dos cientistas e especialistas nas notícias online é uma forma de convencer o leitor a acreditar

que o que está sendo divulgado, de fato, é realmente verdadeiro, especialmente por se tratar de uma modalidade que circula online e depende do uso da internet, espaço que não pertence a ninguém e é repleto de fake news. A utilização da voz do cientista e do especialista consiste em uma técnica em que o jornalista se vale do discurso de divulgação científica para validar a notícia e causar, na reportagem, um efeito de cientificidade.

O efeito causado pelo discurso de divulgação científica chama a atenção do leitor, um sujeito que preocupa-se em saber se a notícia é verdadeira ou falsa, se o que está sendo noticiado é válido ou não. Para isso, é preciso que o jornalista desempenhe o papel de mediador entre a notícia, o discurso de divulgação científica e o leitor, com a intenção de colocar o discurso da ciência de uma forma que todos os leitores compreendam, isto é, o jornalista vai apresentar o discurso da ciência de forma acessível a todos os leitores. Ele vai divulgar o conhecimento científico por meio de uma linguagem simples, clara e compreensível. Esse trabalho faz-se necessário porque, principalmente nos jornais online, quem consome informação são pessoas alfabetizadas, mas com capacidades limitadas de interpretação que não permitem compreender a linguagem específica da área da ciência como, por exemplo, desvendar o significado de alguns termos específicos. O jornalista se encarrega de realizar tal missão e trazer junto à informação o discurso de divulgação científica de forma persuasiva.

O leitor é aquele que está voltado, em algum momento do dia, para ler essas matérias. Ao ler diferentes reportagens sobre uma mesma notícia, o leitor busca compreender a forma como a mesma é colocada nos diferentes jornais em que circulam e perceber que o discurso de divulgação científica sempre ganha espaço nas reportagens online, principalmente reportagens relacionadas a acontecimentos voltados para a área da saúde. Esse contato com diferentes reportagens contribui para que o leitor desempenhe um pensamento crítico acerca da notícia. Além disso, o leitor tem papel fundamental no compartilhamento dessas notícias, sem contar que ele também é levado em consideração no momento da elaboração da reportagem. De acordo com Bakhtin (2006) sempre falamos atravessado pelo outro, portanto, o jornalista escreve a notícia a partir do outro, que é o leitor. Esse outro é marcado por diferentes vozes durante a leitura de um texto jornalístico online.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta investigação se volta para enunciados de divulgação científica que circulam em matérias jornalísticas relacionadas a duas temáticas : a) o cenário da pandemia e os diálogos entre representantes de intuições diretamente ligadas ao tratamento de questões ligadas à contaminação pelo coronavírus e à vacina contra Covid; b) o cenário de devastação do meio ambiente e, como consequência disso, elas retratam a crise humanitária enfrentada pelos indígenas Yanomami no Norte do Brasil. Nos textos jornalísticos, vamos estudar o discurso de divulgação científica na leitura e construção de textos jornalísticos que circulam na mídia digital, dos jornais G1 Bahia, Nexo Jornal, Poder360, CNN, Um Só Planeta, BBC News e Agência Câmara de Notícias. As notícias selecionadas pertencem aos jornais de fácil acesso, gratuitos e que circulam online diariamente. Além disso, também são jornais que têm interesse em divulgar todo tipo de informação relevante para a sociedade brasileira, tornando-se importantes ferramentas com forte caráter persuasivo.

As notícias que serão analisadas neste trabalho são de dois períodos relevantes relacionados ao Brasil. O primeiro quadro contém reportagens que são do período da pandemia de Covid-19 com ênfase no discurso de divulgação científica como uma ferramenta para validar a eficácia das vacinas contra o vírus e mostrar a arena de lutas entre o discurso de divulgação científica e o discurso do chefe do executivo brasileiro. Já as notícias do segundo quadro são relacionadas à crise de saúde enfrentada pelos índios Yanomamis com foco no discurso do especialista como uma forma de validar o discurso da ciência e se contrapor ao discurso negacionista ambiental, amplamente difundido por representantes do governo em questão.

Reportagens relacionadas à pandemia de Covid-19

Título	Site	Data
Bolsonaro diz que não tomará vacina e chama de 'idiota' quem o vê como mau exemplo por não se imunizar: 'Eu já tive o vírus'.	https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/	17/12/2020
Nenhuma criança morreu por causa da vacina contra covid no Brasil.	https://www.nexojornal.com.br/extra/	28/04/2022
Bolsonaro diz que contaminação é "até mais eficaz" que vacina contra covid.	https://www.poder360.com.br/	17/06/2021

Reportagens relacionadas à crise de saúde enfrentada pelos índios Yanomamis

Título	Site	Data
Salles sugere 'ir passando a boiada' para mudar regras durante pandemia.	https://www.poder360.com.br	22/05/2020
Yanomamis são um povo diverso e generoso, diz antropólogo que estuda a etnia.	https://www.cnnbrasil.com.br/	31/01/2023
Entenda a crise de saúde entre indígenas Yanomami e o que a devastação na Amazônia tem a ver com isso.	https://umsoplaneta.globo.com/	23/01/2023
'A pior situação humanitária que já vi': os relatos de médico que foi atender os yanomami.	https://www.bbc.com/portuguese/	22/01/2023
Terra Yanomami é palco de "tragédia humanitária", dizem especialistas.	https://www.camara.leg.br/	14/07/2022

Em ambos os quadros as notícias permitem que seja possível observar o discurso citado por meio da fala dos especialistas que funciona como uma esfera de validação da reportagem e de divulgação do conhecimento produzido nas academias. Nesse sentido, torna-se possível ver o conflito entre as diferentes vozes mobilizadas na construção do texto jornalístico com a intenção de deixar evidente quem são os enunciadores originais e quais são seus lugares de origem.

As análises das notícias estão centradas em duas categorias. A primeira categoria diz respeito ao conflito entre as vozes de representantes de diferentes instâncias do poder (o chefe do executivo, o Supremo Tribunal Federal e a voz do especialista) com ênfase em enunciados de divulgação científica que circularam durante o período da pandemia de Covid-19. O foco das análises nessa primeira categoria será mostrar o confronto entre o discurso de divulgação

científica e o discurso não científico do chefe do executivo, permitindo que a palavra seja explorada como uma arena de lutas sociais.

A segunda categoria de análise será voltada para o discurso de divulgação científica como contrapalavra ao discurso difundido por representantes do governo em questão. Ela vai colocar em questão o discurso negacionista do então ministro do meio ambiente, em abril de 2020, e em seguida, vai mostrar o discurso do cientista como contrapalavra, isto é, como resposta ao discurso do governo. Nesse sentido, o discurso de divulgação científica é utilizado nas notícias para responder e mostrar como o discurso do então ministro do meio ambiente contribuiu para o agravamento da situação.

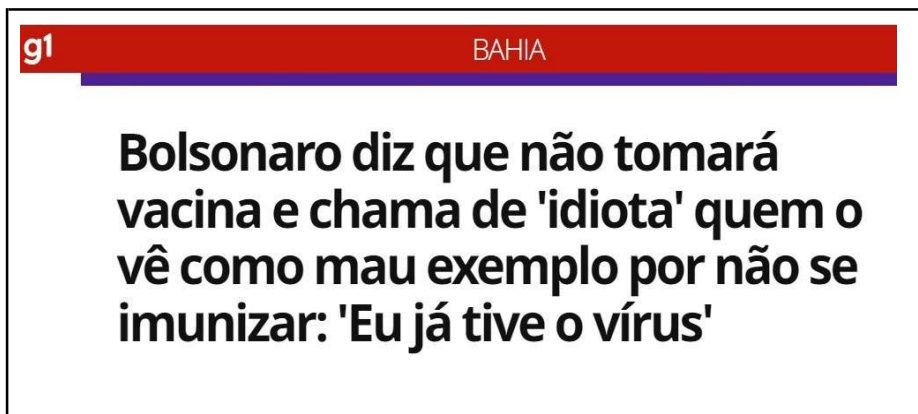
6. DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM JORNAIS: UM JOGO RESPONSIVO, UMA ARENA DE CONFLITOS

O discurso de divulgação científica é produzido levando sempre em consideração o público leitor, isto é, ele é construído através do outro que recebe e se projeta para uma resposta, é como diz Bakhtin (2006), nós sempre falamos atravessado pela voz do outro. Esse fato pode ser constatado por meio da voz dos cientistas e especialistas que o divulgador recorre para acrescentar no texto jornalístico, tornando-se evidente em todas as reportagens que serão analisadas por que todas foram produzidas a partir da relação entre o eu e o outro, que vai ser materializada por meio da relação entre divulgador e público leitor. Ainda de acordo com a teoria bakhtiniana, a palavra é por excelência um signo ideológico, que reflete e refrata outras realidades que lhe são exteriores. Nas reportagens que serão analisadas adiante, algumas palavras adotam outros significados e representam outros discursos que a tornam uma arena de lutas e conflitos, que em alguns momentos funciona como contrapalavra ao contrapor os discursos de diferentes representantes de instâncias do poder.

6.1 O conflito entre vozes de diferentes instâncias e a voz do cientista

Esta categoria analisa aspectos voltados para o conflito entre as vozes de diferentes representantes do poder como, por exemplo, o confronto entre o presidente da república, o Supremo Tribunal Federal (STF) e a voz do cientista, o confronto entre o presidente Bolsonaro e os especialistas, a forma como o discurso da ciência é colocado diante do discurso do presidente, o conflito entre o presidente, o ministério da saúde e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e a presença do jornalista em meio aos confrontos, bem como o confronto entre o discurso de divulgação científica representado pelos especialistas e cientistas se contrapondo ao discurso negacionista. Todos esses pontos de análise partem do texto jornalístico enquanto uma construção de enunciados científicos ou não que deixam evidentes as vozes que estão mobilizadas e quais são os confrontos que elas geram.

Reportagem 1 - Conflito envolvendo a fala do presidente da república, a reação do Supremo Tribunal Federal (STF) e a voz dos especialistas.



Fonte: Jornal online G1BA (2020)

Na primeira reportagem (**anexo I**), de dezembro de 2020 - ***Bolsonaro diz que não tomará vacina e chama de idiota quem o vê como mau exemplo por não se imunizar. “Eu já tive o vírus”***. De início, é possível observar a relutância do presidente do Brasil em aceitar que seja iniciada uma campanha de vacinação contra Covid-19 no país, como reação ao que disse o presidente, entra em ação o Supremo Tribunal Federal (STF) com a finalidade de barrar a ação do presidente juntamente com a voz da ciência que entra em cena na presença da voz dos especialistas para desmascarar e dizer a verdade em relação à fala de Bolsonaro.

Nesse enunciado há a presença do discurso indireto e do discurso direto na fala do presidente, ou seja, o jornalista escreveu com suas palavras o que o presidente disse e depois, escreve conforme o presidente proferiu ***‘idiota’ ‘eu já tive o vírus’*** por isso a presença das aspas simples para indicar que a voz de alguém está sendo mobilizada. As aspas simples nessa reportagem indicam a separação entre as palavras do jornalista que escreveu o texto e as palavras do presidente, elas destacam ao mesmo tempo que isolam a palavra alheia, as aspas são um sinal tipográfico como sustenta Authier-Revuz (1998, p.13) que indicam “a alteridade”.

As vozes tanto do jornalista quanto de Bolsonaro dialogam entre si, pois o jornalista ao enunciar parte da necessidade de usar o dizer do presidente, no entanto, ele a utiliza como uma forma de crítica à fala de Bolsonaro e a partir de então podemos perceber, como diz Bakhtin (2006) a não neutralidade na enunciação do jornalista. Como os jogos de discurso citado nos ajudam a usar o

dizer de outrem a partir da discussão que propomos, no caso do jornalista, ele usa o discurso de Bolsonaro para apresentar um conflito discursivo e ideológico entre instâncias de poder governamental.

Nesse primeiro quadro pode-se observar o conflito entre a fala do presidente da república, a reação do Supremo Tribunal Federal e a voz dos especialistas. O jogo que o jornalista utiliza revela um conflito, pois ao trazer, primeiramente, a voz do presidente, tida como errônea, e em seguida, os discursos que a confrontam, o jornalista revela sua real intenção de desmascarar o dizer do presidente, porque além de convocar a voz do STF, ele também traz a voz dos especialistas com a intenção de justificar o perigo de não tomar a vacina.

Nesse conflito é possível observar que dada a situação pandêmica que o Brasil se encontra, torna-se ainda mais crítica diante do discurso negacionista do presidente, visto que o presidente aconselhava o uso de medicamentos como cloroquina e ivermectina para o combate do vírus, também sustentando que métodos sem comprovação científica são eficazes e desencorajando a vacinação em massa da população. Diante da situação, o Supremo Tribunal Federal entra em ação, se posicionando como a instância governamental responsável por guardar e fazer valer a constituição federal, assim, o STF não poderia ficar em silêncio diante da atitude nociva do presidente, e esta ação do STF é destacada pelo jornalista ainda na manchete com a finalidade de frear o ideal amplamente difundido pelo presidente.

No outro extremo está a voz da ciência através do especialista como uma forma de desconstruir e repugnar tudo o que diz o presidente. Portanto, nesse primeiro momento, temos a mobilização de vozes que funcionam como uma contrapalavra ao discurso do presidente.

"Alguns falam que eu tô dando um péssimo exemplo. Ou é imbecil (palmas) ou o idiota que tá dizendo que eu dou péssimo exemplo, eu já tive o vírus. Eu já tenho anticorpos. Pra que tomar vacina de novo?", disse o presidente.

Fonte: Jornal online G1BA (2020)

Ao longo da reportagem em: ***“alguns falam que eu tô dando um péssimo exemplo. Ou é imbecil (palmas) ou idiota que tá dizendo que eu dou péssimo exemplo, eu já tive o vírus. Eu já tenho anticorpos. Pra que tomar vacina de novo?”***, disse o presidente. Pode-se observar o discurso direto do presidente em confronto com o discurso indireto dos especialistas em: ***“especialistas dizem que os estudos indicam que milhões de brasileiros que já tiveram Covid-19 também deverão ser imunizados”***.

Assim como diz Bakhtin (2006) que a palavra é uma arena de confrontos, podemos ver esse conceito se materializando no momento em que a fala do presidente entra em conflito com a voz da ciência, esse momento não acontece por acaso, e sim porque essas duas vozes estão manifestando posições ideológicas diferentes como, por exemplo, o presidente enunciando e sendo apoiado pelos defensores de direita, de um lado e do outro lado a voz da ciência, na pessoa dos especialistas, representando aqueles que não concordam com a fala do presente e que encontram na ciência respaldo para combatê-lo.

Temos o confronto entre Bolsonaro e os especialistas constituindo palavras como arenas em confronto, discursos outros que estão se contradizendo por meio de modalizadores como, por exemplo, ***disse o presidente***.

Reportagem 2 - O discurso da ciência colocado em primeiro plano para se sobrepor ao discurso negacionista



Fonte: Jornal online Nexo (2022)

Na segunda reportagem (**anexo II**) temos: ***Nenhuma criança morreu por causa da vacina contra covid no Brasil*** - a pauta da vacinação infantil no Brasil que, de acordo com o presidente, é algo sem necessidade porque as pessoas mais jovens por si só são capazes de se recuperar da doença sem precisar tomar nenhum medicamento. Do outro lado temos os especialistas explicando cientificamente o processo, bem como a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) preocupada em iniciar essa vacinação o mais rápido possível.

Temos uma fala apoiada em dados científicos para mostrar qual a intenção da reportagem. É uma fala sem marcação que vem em forma de discurso indireto. Abaixo da manchete o jornalista enuncia dizendo: ***segundo boletim do ministério da saúde, não há óbitos em que haja 'relação causal' com imunização. Bolsonaro e Queiroga sabotaram proteção***, ou seja, logo após a pesquisa de ambos trazerem o discurso científico para justificar a morte das crianças por outro motivo e não pela vacinação, o jornalista cita Bolsonaro e Queiroga como sabotadores, como aqueles que foram responsáveis por espalhar notícias falsas. Por esse motivo, o jornal se coloca na posição de divulgar o discurso da ciência para combater as declarações inverídicas de Bolsonaro e Queiroga.

O enunciador original, no caso, o Ministério da saúde, reafirma que não foi comprovada nenhuma morte de criança ou adolescente menores de 18 anos

por causa de efeitos adversos da vacina contra Covid-19. Observa-se o discurso da ciência colocado em primeiro plano pelo jornalista para reforçar o efeito de cientificidade e se sobrepor ao discurso de Bolsonaro. Vale ressaltar que diferente da primeira notícia, em que o jornalista traz a fala de Bolsonaro e após a voz do STF juntamente com a voz da ciência justamente para combater o dizer do presidente. Nesta segunda reportagem o movimento é ao contrário, pois a comprovação científica vem primeiro e o discurso negacionista depois, porém o princípio é o mesmo, desmascarar as falas equivocadas e distorcidas do presidente e tornar evidente a voz da ciência como sendo a responsável por comprovar os estudos científicos.

Nessa reportagem observa-se um discurso que se contrapõe ao primeiro (discurso da ciência) por meio do discurso direto e indireto do presidente (discurso negacionista), ou seja, o conflito está centrado entre o discurso do Ministério da Saúde e discurso negacionista de Bolsonaro. Temos também a presença da ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), uma importante organização responsável pela fiscalização para classificar como adequado os produtos que podem circular no país, ela vem usada no discurso do presidente como uma vilã.

O presidente Jair Bolsonaro (PL), pré-candidato à reeleição, também já deu declarações sobre o tema que vão contra as evidências científicas. “Você vai vacinar teu filho contra algo que o jovem por si só a possibilidade de morrer é quase zero? O que está por trás disso? Qual é o interesse da Anvisa [Agência Nacional de Vigilância Sanitária] por trás disso? Qual é o interesse das pessoas taradas por vacina? É pela sua vida? Pela sua saúde? Se fosse, estariam preocupados com outras doenças, e não estão. Quando se trata de criança, não se deixe levar por propaganda”, afirmou em janeiro de 2022.

Fonte: Jornal online Nexo (2022)

Bolsonaro tenta desconstruir a imagem da ANVISA classificando-a como **“tarados por vacina”**, é o que Bakhtin (2006) chama de ideologia, isto é, para as outras pessoas ela significa um órgão regulamentador, mas para o presidente significa uma organização criminosa que não apenas demonstra preocupação

pela saúde das pessoas. Mas que têm outras intenções além dessa, quando diz: **“o que está por trás disso? qual é o interesse da anvisa [agência nacional de vigilância sanitária] por trás disso? qual é o interesse das pessoas taradas por vacina? é pela sua vida? pela sua saúde? se fosse, estariam preocupados com outras doenças, e não estão”**, a fala do presidente, nas muitas perguntas que ele faz tem a intenção de levar as pessoas a pensar, ele não dá a resposta de muitas delas, ele questiona com a intenção de encorajar a população a questionar a ciência e duvidar das verdadeiras intenções da ANVISA, mesmo ela sendo credenciada para realizar a sua função de forma efetiva.

Por essas e outras muitas citações discursivas do presidente Bolsonaro, pode-se perceber, ou como ele mesmo deixa à mostra, sua aversão a ciência, revelando sua ideologia quanto ao discurso científico. A ideologia possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo (BAKHTIN, 2006, p. 29), ou seja, significa algo além do enunciado escrito, que vai perpassar o sentido exterior.

Nessa reportagem há as marcações do discurso direto e do discurso indireto, o uso de marcações para atacar a ANVISA e de modalizadores como o exemplo do final da reportagem: ***afirmou em janeiro de 2022.***

Reportagem 3 - Embate entre Bolsonaro e especialistas



Fonte: Jornal Poder360 (2021)

Nesta terceira reportagem (**anexo III**), pode-se observar a presença do discurso citado de forma indireta no título da notícia quando fala: ***Bolsonaro***

diz que contaminação é “até mais eficaz” que vacina contra covid. No entanto, há também a presença do discurso citado direto no trecho em que estão sendo usadas as aspas para indicar a fala do presidente através dessa marcação como diz Authier-Revuz (1998). Em seguida, o presidente ao defender a desobrigação do uso de máscaras dissemina o seu discurso negacionista por não reconhecer a importância do uso da máscara para combater o vírus, mas os especialistas divergem desse ideal e falam sobre os casos de reinfecção, sobre o perigo que todos vão correr se deixarem de usar máscaras, assim, encontra-se o conflito entre a ciência e o discurso negacionista de Bolsonaro.

No enunciado **“o presidente Jair Bolsonaro disse nesta 5ª feira (17. jun. 2021) que a contaminação pelo coronavírus é mais eficaz que as vacinas contra a doença”**, aqui, por sua vez, podemos perceber a mobilização da voz do jornalista, pode-se observar que quem está falando é o jornalista responsável pela organização, pela reformulação do enunciado, sobre essa mobilização de vozes Orlandi (2001).

“Eu estou vacinado entre aspas. Todos que contraíram o vírus estão vacinados, até de forma mais eficaz que a própria vacina, porque você pegou vírus para valer. Quem pegou o vírus está imunizado, não se discute”, disse.

Fonte: Jornal online Poder360 (2021)

No decorrer da reportagem o presidente diz **“estou vacinado entre aspas. Todos que contraíram o vírus estão vacinados, até de forma mais eficaz que a própria vacina, porque você pegou o vírus para valer. Quem pegou o vírus está imunizado, não se discute”, disse.** Esse enunciado está formado, como diz Bakhtin (2006), por meio de um discurso fonte, de um discurso primeiro que é reformulado aqui e mesmo assim continua trazendo as marcas do discurso fonte, porém ele traz essas marcas através do discurso citado direto juntamente com as aspas, sua principal marcação e pelo modalizador disse que fecha o enunciado conferindo novamente uma mobilização de vozes, a voz do presidente e a voz do jornalista ao explicar quem disse.

O chefe do Executivo voltou a dizer que será o último vacinado do Brasil. Afirmou ainda que quem é contrário à proposta de desobrigar o uso de máscaras no país é “negacionista” por não acreditar na eficácia das vacinas.

“Quem tomou vacina, com a eficácia da CoronaVac 50%, esse tem que tomar 2ª dose e talvez ter dose de reforço ainda. Mas são pessoas que, no entendimento de muitas pessoas, governadores de estados norte-americanos, podem ser dispensadas com a vacina”.

Fonte: Jornal online Poder360 (2021)

Neste trecho da reportagem, o **“chefe do executivo voltou a dizer que será o último vacinado do Brasil. Afirmou ainda que quem é contrário à proposta de desobrigar o uso de máscaras no país é ‘negacionista’ por não acreditar na eficácia das vacinas”**, temos a mobilização da voz do jornalista e do chefe do executivo para gerar a arena de confrontos. Aqui temos um jornalista que vem se fazendo presente por meio do discurso citado indireto para falar o que disse o presidente, para isso, ele recorre ao uso do modalizador **afirmou** para enfatizar a fala do presidente, a fala de outrem, dentro dessa fala do jornalista há uma alternância da posição enunciativa ao trazer de forma direta a palavra **“negacionista”** tal como o presidente proferiu.

Em seguida ao dizer que **“quem tomou vacina, com a eficácia da CoronaVac 50%, esse tem que tomar 2ª dose e talvez ter dose de reforço ainda. Mas são pessoas que, no entendimento de muitas pessoas, governadores de estados norte-americanos, podem ser dispensadas com vacina”** aqui temos a fala do presidente representada através do discurso citado direto recorrendo ao uso das aspas para indicar que a fala não é do jornalista e mostrar que ela não sofreu o processo de reformulação.

ESPECIALISTAS DIVERGEM

A vacinação não é suficiente para evitar a transmissão do coronavírus, segundo explicam especialistas consultados pelo **Poder360**.

Fonte: Jornal online Poder360 (2021)

Depois chega-se ao confronto entre o discurso do presidente e o discurso dos especialistas, mas antes o jornalista novamente faz uma interferência ao dizer embasado nos especialistas que **“a vacinação não é suficiente para evitar a transmissão do coronavírus, segundo explicam especialistas consultados pelo Poder360”**, isto é, a voz da ciência está sendo usada indiretamente para indicar ou conferir um grau de verdade e de cientificidade ao que está sendo dito como diz Orlandi (2001).

“As vacinas para covid-19 disponíveis no Brasil são mais eficientes em reduzir a probabilidade de evolução para caso grave e para óbito, mas ainda é possível apresentar a doença leve, que pode ser transmissível, e uma forma de evitar a transmissão é o uso da máscara”, explica a infectologista Valéria Paes.

Fonte: Jornal online Poder360 (2021)

Observa-se, agora, um discurso científico proferido por uma infectologista com a finalidade de fazer contraposição ao discurso de Bolsonaro, principalmente, quando ela diz **“as vacinas para covid-19 disponíveis no Brasil são mais eficientes em reduzir a probabilidade de evolução para caso grave e para óbito, mas ainda é possível apresentar a doença leve, que pode ser transmissível, e uma forma de evitar a transmissão é o uso da máscara”**, explica a infectologista Valéria Paes. Nesse enunciado há a alternância do sujeito enunciador e do lugar de origem, pois antes quem falava era Bolsonaro agora quem já está falando é a infectologista, ela diz isso apoiada em alguns estudos. O Jornalista aparece o tempo inteiro como organizador, ele vai trazer a fala da infectologista de forma direta para causar um impacto diante das declarações sem fundamento do presidente e, por fim, observamos também o uso do modalizador **explica** para indicar que a fala é alheia, para que ela não se confunda com a fala do jornalista.

6.2 A voz do cientista como contrapalavra ao discurso negacionista ambiental

Essa categoria permite analisar a fala do então ministro do meio ambiente como um discurso negacionista que contribuiu para o agravamento da crise de saúde enfrentada pelos índios Yanomamis. Ao longo dessa categoria ficará evidente que essa fala ajudou a flexibilizar as leis protetivas à floresta amazônica culminando com a devastação da floresta e com o surgimento de doenças ocasionadas por meio do desmatamento, garimpo ilegal, degradação do solo e poluição dos rios em uma região em que os postos de saúde ao invés de oferecerem serviços às comunidades tradicionais são forçados a atenderem os garimpeiros que habitam a região. Além disso, há uma série de outros fatores que foram sustentados por meio desse discurso. Com a publicação dessa notícia a situação se agravou ainda resultando na crise humanitária que os índios Yanomamis passaram no início de 2023, quando a mídia noticiou os fatos com mais intensidade, mas há reportagens que serão analisadas neste trabalho que já noticiavam a situação em julho de 2022, seis meses antes da situação piorar. Portanto, as reportagens vão utilizar a fala do especialista e o discurso da ciência para se contrapor ao discurso negacionista do governo.

Reportagem 4 - A contribuição do discurso negacionista do governo federal para o agravamento da crise de saúde enfrentada pelos Yanomamis

Salles sugere 'ir passando a boiada' para mudar regras durante pandemia

O ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, disse o seguinte na reunião ministerial de 22 de abril:
Então pra isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de covid, e ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas.

Fonte: Jornal online Poder360 (2020)

Na quarta reportagem (**anexo IV**) logo na chamada temos: ***Salles sugere “ir passando a boiada” para mudar regras durante a pandemia.*** Nessa fala pode-se observar o trabalho do jornalista preocupado em fazer a divulgação da notícia, e para isso, ele tem a necessidade de checar os fatos e a fonte para poder desenvolver, como diz Correia (2009), um jornalismo crítico e noticioso. Assim, é a tarefa do jornalista usar a fala de quem gerou a notícia para poder lhe atribuir um grau de verdade.

Além disso, o jornalista divulga um acontecimento que está relacionado diretamente com os princípios de noticiabilidade. Um enunciado, para ser notícia, deve ser relevante e atual, é o caso que se observa na reportagem em questão. Esse enunciado da chamada da reportagem torna-se relevante a partir do momento que o então ministro do meio ambiente, Ricardo Salles, sugere para passar a boiada, em outras palavras, diminuir o rigor com que os agentes de fiscalização agem diante do desmatamento. Essa fala também está atrelada à flexibilização das leis que protegem o meio ambiente, no sentido comum, flexibilizar as leis e driblar a fiscalização.

Inerente a esse princípio de relevância está também o princípio da atualidade. Dessa forma, é preciso levar em conta a situação atual do momento da notícia: o início do pico de transmissão do vírus da Covid-19, em abril de 2020. Nesse período, a grande mídia, assim como a população em geral, estava voltada, em sua completude, para os casos da doença e os números crescentes de contaminação no Brasil. Enquanto isso, o governo federal, que desde o início negou a doença, fazia reuniões para flexibilizar as leis e favorecer o desmatamento, que também foi negado durante todo o seu governo.

Ainda cabe ressaltar outro fator importante atrelado à relevância e à atualidade: a definição de uma notícia. Como já foi dito anteriormente, uma notícia depende de um contexto de relevância cultural e social e que seja atual. Junto a esse contexto vem a questão cultural e social. Por que a notícia em questão se constitui enquanto notícia? A resposta é simples: porque ela está dependendo do contexto social e cultural para poder significar. É o que fala Correia (2009, p.09) sobre notícia, “é aquilo que possui suficiente relevância e depende da própria estrutura da sociedade”. O contexto social e cultural em que ela está inserida é um ambiente de desconfiança e que o negacionismo ganha

força. O contexto social diz respeito à forma que as pessoas e a grande mídia caracterizavam o governo Bolsonaro, um governo, até então, marcado pela negligência do conhecimento científico e que levantava dúvidas sobre uma possível forma desdenhosa que o mesmo tratava as questões ambientais.

Dessa forma, os jornais que circulam em diferentes meios de comunicação e por distintos suportes são fontes de informação do povo brasileiro em ficar por dentro da situação política do país, sobre os fatos que receberam destaque na mídia. Nesse sentido, vê-se a importância dos jornais divulgarem a notícia, principalmente por se tratar de notícias relacionadas aos modos como o presidente Bolsonaro e seus ministros conduzem as questões relacionadas aos problemas do povo, causam interesse e repercutem. Governos atuais causam grande alvoroço, principalmente por se tratar de um governo centrado em discursos negacionistas, em primeira mão, negacionismo da ciência, e nesse caso aqui, negacionismo da preservação do meio ambiente, e das questões ambientais. O discurso citado, retomado na construção da notícia, é colocado em itálico no sentido de preservar a fala, de usar as palavras do ministro. O itálico dá destaque, faz a denúncia do descaso, mostra pela citação direta que não se trata de uma interpretação equivocada do jornalista. A atitude compreensiva e a interpretação do absurdo partem do leitor. Um governo que é especialista em acobertar e silenciar as medidas de proteção ao meio ambiente.

Nessa mesma reportagem também é possível chamar atenção para as formas de discursos que a constituem, discurso direto e discurso indireto. No título, na chamada da reportagem, temos a presença do discurso citado direto da fala do ministro Salles em ***“ir passando a boiada”*** que remete ao seu enunciador original, o então ministro do Meio Ambiente. E ao longo de toda matéria esse fenômeno vai continuar. Na notícia, a fala direta de Salles forma a maior parte do texto. Na maioria das vezes, quem sempre fala é o ministro e o jornalista ocupa apenas a posição de mediador que organiza as falas de um modo que os enunciados do ministro estejam representando os ideais do governo.

Dessa maneira, a contrapalavra fica evidente. O ministro sempre vai falar atendendo aos enunciados já ditos pelo governo, sempre vai responder a esses enunciados sugerindo a asfixia da lei e, por conseguinte, replicando os pensamentos que o chefe do executivo e seu grupo compartilham.

Então pra isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de covid, e ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas. De IPHAN, de ministério da Agricultura, de ministério de Meio Ambiente, de ministério disso, de ministério daquilo. Agora é hora de unir esforços pra dar de baciada a simplificação de regulatório que nós precisamos, em todos os aspectos.

Fonte: Jornal online Poder360 (2020)

Nesse trecho em destaque é possível ver que a fala do ministro Salles está associada aos discursos propagados pelo governo federal sobre o meio ambiente que, em alguns casos, inclusive, chegou a falar que o meio ambiente deveria ser explorado para o país crescer, eles defendiam a ideia de exploração e desmatamento como um modo de “melhorar” o desempenho econômico do Brasil. Essa fala, no entanto, vai totalmente na contramão do que dizem os pesquisadores, cientistas e ambientalistas que, por sua vez, defendem sobre a uma exploração sustentável, caso contrário, as consequências locais e globais do desmatamento comprometerão a sobrevivência de comunidades e povos indígenas.

No discurso do então ministro Salles, do meio ambiente, a contrapalavra manifesta-se como eco a uma réplica do enunciado produzido pelo governo federal, sua fala também é mostrada em forma de concordância com os ideais políticos de um grupo que coloca o lucro imediato e irracional acima do bem-estar da sociedade. O discurso do governo federal é marcado pelo negacionismo sob várias formas, principalmente através da fala do presidente Bolsonaro, enquanto a réplica do ministro do meio ambiente é marcada por fronteiras linguísticas que funcionam na palavra materializada.

Na entonação utilizada pelo ministro, observa-se que a sua intenção, além de replicar um discurso excludente e responder ao discurso do palácio do planalto, é realizar uma ação camuflada, acobertada sem que nem a mídia e nem a população tenha conhecimento. Se não fosse o tom utilizado nessa

conversa, a compreensão poderia ser outra, mas como trata-se de uma situação de comunicação, a compreensão da palavra alheia só acontece por meio do dialogismo, em que se pode atribuir múltiplos sentidos a um enunciado, como é o caso do enunciado anterior.

Reportagem 5 - A mobilização do discurso do especialista para dar credibilidade à notícia

Yanomamis são um povo diverso e generoso, diz antropólogo que estuda a etnia

"Sempre me receberam com amizade, cuidado e generosidade sem comparação, durante todo o processo de convívio", contou.

Segundo o especialista, eles puderam se manter protegidos por um longo período graças à demarcação de terras.

Fonte: Jornal online CNN (2023)

Na quinta reportagem (**anexo V**) temos o enunciado: **"Yanomamis são um povo diverso e generoso"**, diz antropólogo que estuda a etnia. Esse antropólogo, Marcelo Moura, estuda os indígenas Yanomamis desde 2018 e isso, por sua vez, informa que ele é alguém que conhece de perto há bastante tempo a realidade desse povo. **"Sempre me receberam com amizade, cuidado e generosidade sem comparação, durante todo o processo de convívio", contou.** Pode-se observar que realmente houve a imersão do antropólogo na comunidade indígena Yanomami, além disso, é possível observar também que apesar de se tratar de uma etnia que vive isolada, eles receberam o antropólogo com muita cordialidade.

Está explícito também a forma como o discurso do especialista, no caso, Marcelo Moura, está sendo mobilizado para reforçar e validar o discurso jornalístico, "é o efeito de cientificidade" (ORLANDI, 2001). É o discurso de alguém que conhece a realidade da comunidade sendo posto para dar credibilidade ao que o jornal está noticiando. E como os antropólogos são

peessoas que estudam as culturas e costumes dos povos, o jornalista não poderia deixar de utilizar a fala de um. É uma notícia organizada entre discurso indireto e discurso direto do especialista, ela sempre usa a voz do especialista como contrapalavra ao negacionismo da situação enfrentada pelos indígenas.

Essas falas organizadas pelo jornalista, em alguns momentos, são apresentadas de forma direta, isto é, tal qual o especialista pronunciou. É o caso das falas que são mostradas entre aspas, elas são usadas com a intenção de ganhar a confiança dos leitores. As outras falas são organizadas de forma indireta pelo jornalista, em uns momentos é ele quem fala, em outros é o especialista que fala. É um jogo de alternâncias de sujeitos. Ora quem fala é o jornalista e a sua fala funciona como uma mediação entre a realidade que a notícia circula e o discurso de divulgação científica causando uma contrapalavra ao discurso do governo anterior que foi o responsável por afrouxar as medidas de proteção aos povos indígenas. Ora quem fala é o especialista ocupando a posição de alguém que conhece a realidade da etnia e se contrapõe ao discurso negacionista dos representantes do governo.

É um jornalista e um antropólogo que sabem o papel que estão desempenhando na construção da reportagem, um escreve e organiza a reportagem e o outro empresta a sua fala para que a matéria produzida por esse jornalista possa ganhar a confiança do público. Também tem a relação do eu para o outro, isto é, ambos, por meio da reportagem, vão ao encontro das demais pessoas. É uma relação entre divulgador (jornalista) e cientista (antropólogo) que deixam explícitas as fronteiras de cada dizer, é relação de identidade de quem está falando, ou seja, o público ao ler a reportagem vai perceber as marcas da fala de cada um, são essas fronteiras que especificam cada discurso.

Em outro ponto pode-se observar a construção da reportagem como um jogo de alternâncias de sujeitos, fato que é constatado por meio do uso de discurso direto e discurso indireto quando o jornalista faz o papel de mediador ao utilizar o discurso citado indireto e, em seguida, ao trazer o discurso do especialista de forma direta. Há também a presença de modalizadores para especificar como o discurso citado direto está marcado na construção do texto jornalístico.

"Há diferentes realidades dentro desse território, eles permaneceram isolados por muitos séculos, com pouco contato com outras etnias."

Para o antropólogo, **a crise humanitária de agora** passa por problemas além do garimpo ilegal, como a denúncia da piora das condições e oferta de serviços de saúde.

"Isso traz reflexos drásticos, aliados à concentração de casos de malária, que a gente vem acompanhando há anos e tentando denunciar."

Fonte: Jornal online CNN (2023)

Para o antropólogo, a crise humanitária de agora passa por problemas além do garimpo ilegal, como a denúncia da piora das condições e oferta de serviços de saúde. Nesse discurso é possível observar as marcas do negacionismo sendo expostas através do jogo que o mediador faz ao citar na sua fala o discurso do especialista. Está explícito o contraste entre o discurso de divulgação científica se mostrando como contrapalavra na construção do texto jornalístico a partir do momento que o jornalista expõe os principais causadores da crise humanitária que os índios Yanomami vivem.

Através dessa reportagem é evidente uma relação de ligação com a primeira reportagem datada de abril de 2020. Na reportagem de 2020, o então ministro do meio ambiente fala em "ir passando a boiada" referindo-se à flexibilização das normas de proteção ao meio ambiente e em menos de três anos chegam as consequências dessa fala. Ao flexibilizar as medidas de proteção ao meio ambiente, o governo federal contribuiu para o agravamento da crise humanitária enfrentada pelos Yanomamis porque por meio dessa flexibilização o governo facilitou o avanço do garimpo ilegal e a disseminação de doenças que podem ser letais para os indígenas.

Reportagem 6 - A devastação da Amazônia e o garimpo: as vozes enquanto signo ideológico

Entenda a crise de saúde entre indígenas Yanomami e o que a devastação na Amazônia tem a ver com isso

Conforme a ministra da Saúde, Nísia Trindade, grande parte da razão que levou à tragédia sanitária revelada entre os povos dessa etnia está no **garimpo ilegal**. Essa atividade leva à contaminação dos rios e cria escavações no solo que geram depósitos de água em que há proliferação de mosquitos. Com isso, há um aumento muito grande nos casos de malária, informou ela.

Fonte: Jornal online Um Só Planeta (2023)

No início da sexta reportagem (**anexo VI**) a devastação da Amazônia ganha destaque, em especial, por estar diretamente ligada à situação em questão. Com a devastação da Amazônia surgem amplas discussões a respeito do contato entre comunidades indígenas isoladas e as demais pessoas, nesse caso, os garimpeiros e junto com eles chegam também vários tipos de doenças que se agravam ainda mais quando a assistência médica é negada. Mais uma vez o negacionismo fica claro.

O discurso científico é usado para se contrapor e desconstruir a ideia de flexibilização das normas protetivas ao meio ambiente e mostrar que essa crise só se agravou por conta do avanço do desmatamento e do garimpo ilegal, destruindo a fauna e a flora local e contaminando o solo através do manejo inadequado de alguns minérios. Observa-se, além de um negacionismo científico, um negacionismo ambiental também.

O que está acontecendo no território?

Em artigo intitulado "Degradação e violência na Terra Indígena Yanomami: análise do contato entre o indígena e o garimpeiro", os pesquisadores Haroldo Epifânio de Souza e Zedequias de Oliveira Júnior afirmam que, para os Yanomami, a superexploração do ouro e os ideais que surgem disso "propagam o sentimento de dor e lamento, pois devido aos problemas do garimpo, [os indígenas] tornaram-se perdidos e levados para longe das suas relações com os seus ancestrais, os quais os ajudam a estar no mundo".

Fonte: Jornal online Um Só Planeta (2023)

Esse fator pode ser constatado através da fala dos pesquisadores. *Haroldo Epifânio de Souza e Zedequias de Oliveira Júnior afirmam que, para os Yanomami, a superexploração do ouro e os ideais que surgem disso "propagam o sentimento de dor e lamento, pois devido aos problemas do garimpo, [os indígenas] tornaram-se perdidos e levados para longe das suas relações com os seus ancestrais, os quais os ajudam a estar no mundo".*

Esse enunciado apresenta-se como contrapalavra ao discurso do governo federal que em 2020 já começava a negar a existência dessas comunidades isoladas ao deixar que os garimpeiros explorassem de forma indevida os recursos da floresta e, posteriormente, causando grandes problemas para os povos indígenas. A palavra garimpo é posta aqui, de acordo com Bakhtin (2006), como um signo ideológico, pois ela reflete e refrata uma realidade que lhe é exterior. Garimpo, nesse caso, representa destruição, morte, dor, apagamento da identidade da comunidade e até mesmo exploração sexual.

Reportagem 7 - O discurso do especialista como réplica ao discurso do ministro do meio ambiente

'A pior situação humanitária que já vi': os relatos de médico que foi atender os yanomami

André Biernath - @andre_biernath
Da BBC News Brasil em Londres

Fonte: Jornal online BBC News (2023)

Na sétima reportagem (**anexo VII**) observa-se o relato de um médico especialista em doenças tropicais que diz ter presenciado **'A pior situação humanitária que já vi': os relatos de médico que foi atender os yanomami**. É o discurso citado direto de um médico que presenciou de perto a situação em questão que a comunidade indígena vivenciou.

O médico tropicalista André Siqueira, do Instituto Nacional de Infectologia da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), estava em terras yanomami desde segunda-feira (16/1). Nos últimos dias, ele diz ter testemunhado "a pior situação de saúde e humanitária" que já viu. Além de ser o relato de um médico, trata-se de um médico que está vinculado à uma instituição nacional de pesquisa e desenvolvimento em ciências biológicas. É um discurso que confere credibilidade à notícia por ser de um médico especialista em doenças tropicais, que são as que os Yanomamis foram contaminados e também por ele pertencer à uma instituição de renome.

Enviado ao local pela Organização Pan-Americana de Saúde (Opas-OMS), o especialista em malária visitou o polo-base de Surucucu, em Roraima, e passou por outras comunidades da região. Trata-se de um médico especialista em malária que visitou a região, especificamente a comunidade indígena yanomami. A crise humanitária na comunidade Yanomami mobilizou toda a comunidade internacional como, por exemplo, a Organização Pan-Americana de Saúde, contra o negacionismo que sustentou o agravamento da crise na comunidade indígena.

"Nosso objetivo era fazer um diagnóstico rápido da situação e criar um plano de ação para mitigar ou resolver essas questões, em parceria com o Ministério da Saúde e as lideranças yanomami", contextualiza o médico, em entrevista à BBC News Brasil.

Fonte: Jornal online BBC News (2023)

A fala do médico deixa claro que ele próprio não imaginava que a situação era tão desoladora como ele presenciou, principalmente porque o mesmo

esperava fazer um diagnóstico rápido da situação e ao se deparar com ela houve um estado de espanto ao saber que seria necessário mais tempo do que o imaginado para poder controlar a situação. ***"O que vimos foi uma situação muito precária em termos de saúde, com pacientes acometidos por desnutrição grave, infecções respiratórias, muitos casos de malária e doenças diarreicas. Junto a isso, uma escassez de equipes e de estrutura", relata.*** Nesse outro fragmento é evidente o negacionismo da saúde dos povos indígenas por meio da fala de um médico especialista em doenças tropicais que mostra além das doenças que o povo yanomami enfrenta, eles sofrem primeiro com a falta de equipes capacitadas e a falta de estrutura para atender as pessoas e combater as doenças. Essa falta de equipes e de estrutura são consequências do governo anterior que facilitou a devastação das terras que deveriam ser demarcadas e entregues à comunidade.

A contrapalavra, nesse sentido, se apresenta como uma réplica ao discurso do então ministro do meio ambiente, em 2020, que falava “em passar a boiada” e também como réplica à retórica do governo federal que negligenciou a demarcação das terras indígenas durante quatro anos. A demarcação dessas terras é uma das maneiras dos povos indígenas se manterem isolados e preservarem sua verdadeira identidade sem a interferência de outras pessoas. Nessa reportagem observa-se um discurso que retoma outros discursos anteriores, como é o caso do discurso do ministro do meio ambiente, em 2020, e ao mesmo que ela retoma esses já ditos, ela se mostra como contrapalavra justamente por responder ao discurso do outro.

Reportagem 8 - O discurso de divulgação científica como contrapalavra ao discurso negacionista

Terra Yanomami é palco de “tragédia humanitária”, dizem especialistas

Área é marcada por garimpo ilegal, violência sexual de mulheres e crianças, ameaças de morte e destruturação dos postos de saúde

Fonte: Jornal online Agência Câmara de Notícias (2022)

Aqui na oitava reportagem (anexo VIII) é possível detectar a fala dos especialistas de forma direta. Ela está posta assim porque o jornalista tem a intenção de chamar a atenção dos leitores e também para que o enunciado dessa matéria ganhe credibilidade, isto é, os especialistas falam em “tragédia humanitária” enquanto pessoas que tem autoridade porque eles conhecem melhor que os demais os reais motivos que causaram essa crise. Adiante, o jornalista expõe de forma indireta as causas dessa crise como, por exemplo, o garimpo ilegal, violência sexual de mulheres e crianças e ameaças de morte e desestruturação dos postos de saúde.

Todos esses fatores são consequências, em primeiro lugar, da não demarcação das terras indígenas e da flexibilização de medidas protetivas à floresta amazônica. *Entidades indigenistas e socioambientais denunciaram uma “tragédia humanitária” em curso na Terra Indígena Yanomami, durante audiência da comissão externa da Câmara dos Deputados nesta quinta-feira (14).* Apesar das demais reportagens serem datadas de 2023, esta última é do dia 14 de julho de 2022. Ela mostra que muito antes da grande mídia noticiar a situação desoladora que os yanomamis viviam, a câmara dos deputados já tinha conhecimento da situação e a debatia por meio de uma audiência.

Mesmo a câmara sabendo do que já estava acontecendo com os yanomami ela não tomou nenhuma iniciativa para conter a situação porque trata-se de uma esfera de poder que era composta, no momento, em sua maioria, por parlamentares de base governista, parlamentares que apoiavam o mesmo discurso do governo federal. Mas por que mesmo sem se interessar a câmara promoveu um debate desses? Esse debate só ocorreu por conta de um número pequeno de deputados que insistiram em denunciar a situação logo no início. Depois do agravamento da crise foi que os demais parlamentares se voltaram para a situação, já em outro governo.

É como se ao mesmo tempo em que ela denunciava a situação, ela ficava de braços cruzados sem tomar uma atitude. Está explícito novamente outro tipo de negacionismo que, por sua vez, aparece camuflado através da discussão encabeçada na câmara dos deputados. O discurso das entidades e dos especialistas se apresenta como um discurso apoiado cientificamente, um

discurso construído baseado em estudos e pesquisas que vai ser usado para se contrapor ao discurso negacionista durante a leitura e construção do texto jornalístico.

O geógrafo e analista do Instituto Socioambiental (ISA) Estevão Senra apresentou dados atualizados do [relatório “Yanomami sob Ataque”](#): até abril deste ano, já havia 4 mil hectares impactados pelo garimpo ilegal dentro da terra indígena e mais de 40 pistas clandestinas a serviço de garimpeiros e narcotraficantes.

Fonte: Jornal online Agência Câmara de Notícias (2022)

Nesse outro fragmento a fala de um geógrafo é usada para conferir um grau de verdade ao que está sendo dito, isto é, utiliza-se um relatório elaborado por esse geógrafo para mostrar que até em abril de 2022, quase um ano antes da crise se agravar, já havia 4 mil hectares impactados pelo garimpo ilegal na terra indígena. Isso significa que até 2023 a situação piorou. Ela pode ser caracterizada como resultado da flexibilização anunciada em 2020. Em 2021, a região registrou quase 50% dos casos de malária do País e hoje existem cerca de 3 mil crianças com déficit nutricional, segundo Senra. ***“Hoje, a Terra Indígena Yanomami é palco de uma das maiores tragédias humanitárias que estão ocorrendo no Brasil. Os dois vetores principais dessa crise são o avanço do garimpo ilegal e a má gestão do distrito sanitário, que se entrelaçam e vão se realimentando”***, disse. Nessa parte pode-se observar um dado de 2021, dois anos antes do agravamento da crise expondo que quase 50% dos casos de malária no Brasil ocorriam na terra indígena, além de mostrar que na época já havia mais de 3 mil crianças com déficit nutricional. Essa é a fala indireta do geógrafo organizada pelo jornalista.

No decorrer da notícia observa-se o discurso citado direto do geógrafo sustentando a ideia de que a terra yanomami é palco de uma das maiores tragédias humanitárias do país, isso em julho de 2022. É uma situação que foi silenciada por quase seis meses na grande mídia sendo noticiada com intensidade apenas em janeiro de 2023. Além do garimpo ilegal, há também a má gestão do distrito sanitário, como aponta a pesquisa do geógrafo. Essa má

gestão está atrelada às pessoas que são coibidas a não prestarem socorro ou então a desviarem o material que seria destinado aos indígenas para tratar as doenças dos garimpeiros.

O vice-presidente da Hutukara Associação Yanomami (HAY), Dário Kopenawa, citou o caso da comunidade Homoxi para mostrar o avanço do garimpo ilegal sobre área que deveria estar protegida. “A comunidade e o garimpo ficam muito próximos e, por isso, as nossas crianças estão tomando água contaminada por mercúrio, 615 yanomamis foram ameaçados de morte, os garimpeiros tomaram conta do posto de saúde yanomami. Então, a Terra Yanomami e (as margens do rio) Uraricoera estão virando quase cidades, com cantinas e prostituição entre os garimpeiros ilegais”.

Fonte: Jornal online Agência Câmara de Notícias (2022)

O vice-presidente da Hutukara Associação Yanomami (HAY), Dário Kopenawa, citou o caso da comunidade Homoxi para mostrar o avanço do garimpo ilegal sobre área que deveria estar protegida. Na fala do vice-presidente da Associação Hutukara Yanomami é nítido o contraste entre os povos indígenas e os garimpeiros e como consequência desse contato tem grandes surtos de doenças disseminadas pelos garimpeiros. No fragmento *os garimpeiros tomaram conta do posto de saúde* é possível ver que a falta de medicamentos e de estrutura que não chega aos indígenas é usada pelos garimpeiros que tomam posse dos recursos que seriam destinados à comunidade indígena.

Dário Kopenawa confirmou o avanço do narcotráfico na terra indígena, que fica em área de fronteira. O líder yanomami também fez um apelo aos parlamentares. ***“Tem facção, crime organizado e PCC: então, isso existe na Terra Yanomami. Parlamentares, pressionem o governo federal para que retirem imediatamente os garimpeiros ilegais. Isso é para ontem”.*** O discurso do vice-presidente da associação yanomami responde à inquietação levantada no parágrafo anterior porque trata-se não somente de simples garimpeiros, mas de garimpeiros altamente armados que fazem parte de facções de crime organizado e, certamente, causam terror aos funcionários que, por medo, acabam por ceder o atendimento aos mesmos e deixar de lado os indígenas.

A contrapalavra aqui mostra-se à altura do que o ministro do meio ambiente falou em 2020. Ao dizer que era o momento ideal para “passar a boiada” ele não estava referindo-se apenas a flexibilização das medidas protetivas, mas sim em relação ao avanço do garimpo ilegal em todas as suas formas como, por exemplo, máquinas pesadas, armamentos, explosivos e grupos organizados que dominam determinadas áreas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso de divulgação científica no jornalismo noticioso é utilizado como um recurso persuasivo que busca prender a atenção do leitor e ganhar a sua confiança. Nesse sentido, o efeito de cientificidade (ORLANDI, 2001), é um recurso presente na construção de reportagens relacionadas ao período da pandemia de covid-19 e à crise de saúde enfrentada pelos Yanomamis no Norte do Brasil, visto que durante o período de circulação dessas notícias estava em alta o discurso negacionista amplamente difundido por representantes do governo federal do período em questão, fazendo-se necessário o uso da voz da ciência para esclarecer as dúvidas do leitor acerca dos fatos.

Além disso, o discurso de divulgação científica no jornalismo noticioso representa a mobilização de vozes alheias que são colocadas em confronto com a intenção de contrapor o discurso científico ao discurso negacionista. Por meio dessas vozes é possível perceber quem são os enunciadores originais e quais são seus lugares de origem que, em ambas as reportagens, são colocados em posição de conflito. Nas reportagens sobre a pandemia de Covid-19 e nas reportagens sobre a crise de saúde enfrentada pelos indígenas Yanomamis, há um embate entre o discurso negacionista e o discurso da ciência que sempre assumem posições valorativas diferentes adotando o texto jornalístico como um espaço de lutas.

Dessa forma, analisar enunciados de divulgação científica no texto jornalístico possibilita ao leitor enxergar as vozes dialogando, as vozes se contrapondo e vendo o peso que a voz da ciência tem. Isso significa mostrar que, além da notícia que a matéria apresenta, há outras possibilidades de interpretação como, por exemplo, quem/qual é a voz da ciência? Qual o papel que essa voz ocupa? Nesse caso, diante de uma situação de pandemia, qual é a importância da ciência para uma sociedade em desenvolvimento? E no caso da crise de saúde enfrentada pelos Yanomamis, como o discurso da ciência pode ajudar a desvendar sobre o agravamento da crise?

Tudo isso contribui para que o leitor adote um posicionamento crítico acerca das duas situações e veja que o texto jornalístico é construído não apenas como uma atividade técnica, mas que ele consiste em uma tarefa que se preocupa em buscar a voz da ciência por meio de citações dos especialistas e cientistas assim como o discurso negacionista também é usado na construção de ambas reportagens. Nesse caso, a citação é um recurso muito comum no

jornalismo noticioso e é uma parte estrutural importante dos enunciados de DC sendo usada para trazer o discurso alheio, a voz do outro e para reforçar e confrontar o discurso científico.

Assim sendo, a análise do texto jornalístico proporciona ao leitor múltiplas formas de ler e interpretar o discurso de divulgação científica na construção do texto jornalístico. Uma dessas múltiplas formas é observar o uso das marcações, da voz do outro e da alternância dos sujeitos, que tornam o leitor um sujeito crítico, comprometido com o discurso científico e que tenha consciência das vozes que são mobilizadas e se confrontam. Além disso, o discurso de divulgação na construção do texto jornalístico possibilita que o leitor seja capaz de lidar com os diferentes tipos de discursos que circulam na mídia e repercutem na sociedade provocando diferentes leituras e compreensões.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Palavras Incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas – SP: Unicamp, 1998.

'A pior situação humanitária que já vi': os relatos de médico que foi atender os yanomami. **BBC News, 2023**. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/01/22/a-pior-situacao-humanitaria-que-ja-vios-relatos-de-medico-que-foi-atender-os-yanomami.ghtml>. Acesso em: 13 de junho de 2023.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

Bolsonaro diz que contaminação é “até mais eficaz” que vacina contra covid.

Poder 360, 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-diz-quecontaminacao-e-ate-mais-eficaz-que-vacina-contracovid/>. Acesso em: 01 de outubro de 2022.

Bolsonaro diz que não tomará vacina e chama de ‘idiota’ quem o vê como mau exemplo por não se imunizar: ‘Eu já tive o vírus’. **G1, 2020**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/12/17/bolsonaro-diz-que-nao-tomara-vacina-e-chama-de-idiota-quem-o-ve-como-mau-exemplo-por-nao-se-imunizar-eu-jative-o-virus.ghtml>. Acesso em: 01 de outubro de 2021.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: Conceitos-chave**/Beth Brait, (org). 2ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2005.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CORREIA, João Carlos. **Teoria e Crítica do Discurso Noticioso: notas sobre Jornalismo e representações sociais**. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2009.

COSTA, L. R. **Ideologia e divulgação científica: uma análise bakhtiniana do discurso da revista Ciência Hoje**. Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso [online]. 2016, vol.11, n.2, pp.33-51.

Entenda a crise de saúde entre indígenas Yanomami e o que a devastação na Amazônia tem a ver com isso. **Um Só Planeta, 2023**. Disponível em:

<https://umsoplaneta.globo.com/sociedade/noticia/2023/01/23/entenda-a-crise-de-saude-entre-indigenas-yanomami-e-o-que-a-devastacao-na-amazonia-tem-a-ver-com-isso>. Acesso em: 10 de junho de 2023.

GUIMARÃES, Eduardo. **A ciência entre as políticas científicas e a mídia**. In: (org.). **Produção e circulação do conhecimento**. Estado, Mídia, Sociedade. Campinas: Pontes 2001.

MACHADO, F. S. **A divulgação científica e o enunciado digital**. Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso [online]. 2016, vol.11, n.2, pp.93-110.

MOIRAND, S. **Formas Discursivas da difusão de Saberes na Mídia**. RUA, Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp, Campinas, p.9-24, 2000 (traduction de l'article par udans Hermès, Paris, n.21, p.33-44, 1997).

MOIRAND, S., REBOUL-TOURE, S. and RIBEIRO, M. P. **A divulgação científica no cruzamento de novas esferas de atividade linguageira**. Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso [online]. 2016, vol.11, n.2, pp.137-161.

MOTTA-ROTH, D. and SCHERER, A. S. **Popularização da ciência: a interdiscursividade entre ciência, pedagogia e jornalismo**. Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso [online]. 2016, vol.11, n.2, pp.164-189.

Nenhuma criança morreu por causa da vacina contra covid no Brasil. **Nexo**, 2022. Disponível

em: <https://www.nexojournal.com.br/extra/2022/04/28/Nenhumacrian%C3%A7a-morreu-por-causa-da-vacina-contracovid-no-Brasil>. Acesso em: 30 de abril de 2022.

ORLANDI, Eni. **Divulgação Científica e efeito leitor: uma política social urbana**. In: GUIMARÃES, E. (org.) **Produção e Circulação do Conhecimento (Política, Ciência, Divulgação)**. V. II. Campinas, SP: Pontes, 2001. p. 149-162.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho; SOBRAL, Adail. **Eu, o outro (Outro) e o vazio na constituição da representação identitária**. D.E.L.T.A., p.37-1, 2021.

Salles sugere 'ir passando a boiada' para mudar regras durante pandemia. **Poder360**, 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/salles-sugere-ir-passando-a-boiada-para-mudar-regras-durante-pandemia>. Acesso em: 07 de março de 2023.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. **A contrapalavra no gênero charge: uma análise a partir de Bakhtin e o círculo**. Revista Prolíngua, Volume 12 - Número 2- out/dez de 2017.

Terra Yanomami é palco de "tragédia humanitária", dizem especialistas. **Agência Câmara de Notícias**, 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/898328-terra-yanomami-e-palco-de->

[tragedia-humanitaria-dizem-especialistas/](#). Acesso em: 13 de junho de 2023

Yanomamis são um povo diverso e generoso, diz antropólogo que estuda a etnia.

CNN, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/yanomamis-sao-um-povo-diverso-e-generoso-diz-antropologo-que-estuda-a-etnia>. Acesso em: 10 de junho de 2023.

ZAMBONI, L. M. S. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso de divulgação científica.** Campinas: Autores Associados, 2001.

Anexos

Anexo 1: Reportagem 1

Bolsonaro diz que não tomará vacina e chama de 'idiota' quem o vê como mau exemplo por não se imunizar: 'Eu já tive o vírus'

STF autorizou aplicação de medidas restritivas para quem se recusar a tomar vacina. Especialistas apontam que vacina deve ser dada mesmo quem já foi infectado pelo Covid-19.

Por G1 BA

17/12/2020 19h40 Atualizado há 2 anos



'Alguns falam que eu estou dando um péssimo exemplo', afirma Bolsonaro sobre vacina

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) disse que não tomará vacina e chamou de "idiota" quem o vê como mau exemplo por não se imunizar. A declaração foi feita nesta quarta-feira (17), em Porto Seguro, cidade do sul da Bahia, quando **assinou duas medidas provisórias para renegociação de dívidas**.

- **Vacina contra a Covid-19: entenda se quem já teve a doença deve ser imunizado**
- **Por que tomar vacina não é só problema meu, como diz Bolsonaro**

"Alguns falam que eu tô dando um péssimo exemplo. Ou é imbecil (palmas) ou o idiota que tá dizendo que eu dou péssimo exemplo, eu já tive o vírus. Eu já tenho anticorpos. Pra que tomar vacina de novo?", disse o presidente.

Durante o discurso, Bolsonaro voltou a dizer que a vacina não pode ser obrigatória e que a pessoa tem direito de decidir se quer ou não receber tratamentos médicos.

"Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina. (...) Se o cara não quiser ser tratado que não seja. Não quero fazer quimioterapia e vou morrer, problema é meu", afirmou.

"Nós estamos mexendo com vidas. Cadê nossa liberdade? Aqui é democracia. Não é Venezuela, não é Cuba."

Especialistas dizem que os estudos indicam que os milhões de brasileiros que já tiveram Covid-19 também deverão ser imunizados. "A imunidade da vacina pode trazer benefícios em relação à nossa imunidade natural", explica a neurocientista Mellanie Fontes-Dutra, coordenadora da Rede Análise Covid-19.

Para Denise Garrett, epidemiologista e vice-presidente do Instituto Sabin, a vacina pode oferecer uma imunidade maior. "Nós não conhecemos muito a imunidade que a Covid-19 dá e nem a da vacina. Geralmente, para algumas doenças, a vacina dá uma imunidade mais duradoura e forte. Porque é algo mais padronizado".

Não fica claro no vídeo se Bolsonaro, ao falar, já sabia do resultado do julgamento pelo Supremo Tribunal Federal (STF) sobre a obrigatoriedade da vacinação.

Na tarde desta quinta, o plenário do STF concluiu julgamento em que, por dez votos a um, autorizou a aplicação de medidas restritivas para quem se recusar a se vacinar contra a Covid-19.

Pfizer

Bolsonaro também disse que na negociação com o governo para a compra de vacinas, a Pfizer, dos EUA, impôs como condição que não se responsabilizaria por eventuais efeitos colaterais após aplicação do imunizante.

"E na Pfizer [contrato da Pfizer] tem lá: nós [Pfizer] não nos responsabilizados. Se eu virar um chi, se eu virar um jacaré, se você virar super homem, se nascer barba em alguma mulher, ou algum homem começar a falar fino... e o que é pior: mexer no sistema imunológico das pessoas", falou.

- É #FAKE que vacinas contra o novo coronavírus possam gerar seres geneticamente modificados

No dia 10 de dezembro, o Ministério da Saúde assinou intenção de compra de 70 milhões de doses da vacina contra a Covid-19 desenvolvida pela farmacêutica Pfizer, em parceria com a alemã BioNTech.

Após divulgar que foi formalizado o compromisso com a Pfizer/BioNTech, o secretário-executivo do ministério, Elcio Franco, lembrou que já há um acordo semelhante para uso da CoronaVac, desenvolvida pela farmacêutica chinesa Sinovac, em parceria com o Instituto Butantan.

Assinatura de medidas protetivas

Bolsonaro visita Porto Seguro para assinar medidas provisórias de renegociação de dívidas — Foto: Reprodução / MDR

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) chegou em Porto Seguro, por volta das 17h30 para assinar duas medidas provisórias para renegociação de dívidas. Conforme o Governo Federal, a iniciativa permitirá retomada de investimentos nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste

O evento, que aconteceu no aeroporto da cidade, também contou com a presença do ministro do Desenvolvimento Regional, Rogério Marinho.

Segundo o governo, as medidas provisórias vão possibilitar que empreendedores possam renegociar dívidas com os Fundos Constitucionais de Financiamento do Norte (FNO), do Nordeste (FNE) e do Centro-Oeste (FCO) e com os Fundos de Investimentos da Amazônia (Finam) e do Nordeste (Finor).
*Veja mais notícias do estado no **G1 Bahia**.*

Anexo 2: Reportagem 2

Nenhuma criança morreu por causa da vacina contra covid no Brasil

Da Redação 28 de abr de 2022(atualizado 28/04/2022 às 15h35)

Segundo boletim do Ministério da Saúde, não há óbitos em que haja 'relação causal' com imunização. Bolsonaro e Queiroga sabotaram proteção

FOTO: FÁBIO RODRIGUES POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL



VACINAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES CONTRA A COVID-19 SE INICIOU EM JANEIRO

Segundo o Ministério da Saúde, não foi comprovada nenhuma morte de criança ou adolescente, de 5 a menores de 18 anos, causada por efeito adverso da vacina contra a covid-19. Essa informação faz parte do mais recente [boletim epidemiológico](#) sobre o coronavírus, divulgado na terça-feira (26).

O estudo analisou 38 eventos adversos graves pós-vacinação em crianças e adolescentes em que houve morte, notificadas por governos estaduais e municipais de 17 de janeiro de 2021 a 12 de março de 2022, ou seja, da terceira [semana epidemiológica](#) de 2021 à décima de 2022. Em nenhum desses casos ficou comprovado que a causa da morte foi a vacina contra a covid-19. “Até o momento, não há registro de EAPV (Evento Adverso Pós-Vacinação) com desfecho óbito na faixa etária de 5 a menores de 18 anos com relação causal com as vacinas utilizadas confirmada”, diz o estudo.

Em relação à causa dessas 38 mortes, 23 “foram classificados como eventos coincidentes ou inconsistentes”, 13 “foram encerrados como inclassificáveis pela ausência de dados na investigação” e 2 “apresentam dados da investigação conflitantes para estabelecer relação causal”.

Esses óbitos estão entre os 419 eventos adversos pós-vacinação em crianças e adolescentes classificados como graves, que representam 12,1% dos eventos adversos no geral. Os 3.044 eventos adversos não graves correspondem a 87,9%.

Em dezembro de 2021, antes de pessoas na faixa-etária entre 5 e 11 anos começarem a ser imunizadas, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, [afirmou](#) que a vacinação de crianças contra a covid-19 não era

“consensual” e questionou a eficácia dos imunizantes nesse grupo, contrariando as evidências científicas a respeito do tema. Em declaração mais recente, dada em fevereiro de 2022, [mudou seu discurso](#). “Eu exorto a cada pai e cada mãe que levem seus filhos para a sala de vacinação”, disse.

O presidente Jair Bolsonaro (PL), pré-candidato à reeleição, também já deu [declarações](#) sobre o tema que vão contra as evidências científicas. “Você vai vacinar teu filho contra algo que o jovem por si só a possibilidade de morrer é quase zero? O que está por trás disso? Qual é o interesse da Anvisa [Agência Nacional de Vigilância Sanitária] por trás disso? Qual é o interesse das pessoas taradas por vacina? É pela sua vida? Pela sua saúde? Se fosse, estariam preocupados com outras doenças, e não estão. Quando se trata de criança, não se deixe levar por propaganda”, afirmou em janeiro de 2022.

Anexo 3: Reportagem 3

Bolsonaro diz que contaminação é “até mais eficaz” que vacina contra covid

Voltou a defender desobrigação do uso de máscaras; especialistas divergem e falam em reinfeção.



O presidente Jair Bolsonaro fez sua live semanal desta 5ª feira (17.jun) ao lado do deputado Vitor Hugo (PSL-GO)

Murilo Fagundes

17.jun.2021 (quinta-feira) - 21h00

atualizado: 17.jun.2021 (quinta-feira) - 23h32

O presidente [Jair Bolsonaro](#) disse nesta 5ª feira (17.jun.2021) que a contaminação pelo coronavírus **publicidade** é mais eficaz que as vacinas contra a doença. Deu a declaração em transmissão ao vivo feita em suas contas nas redes sociais.

“Eu estou vacinado entre aspas. Todos que contraíram o vírus estão vacinados, até de forma mais eficaz que a própria vacina, porque você pegou vírus para valer. Quem pegou o vírus está imunizado, não se discute”, disse.

O chefe do Executivo voltou a dizer que será o último vacinado do Brasil. Afirmou ainda que quem é contrário à [proposta de desobrigar o uso de máscaras](#) no país é “negacionista” por não acreditar na eficácia das vacinas.

“Quem tomou vacina, com a eficácia da CoronaVac 50%, esse tem que tomar 2ª dose e talvez ter dose de reforço ainda. Mas são pessoas que, no entendimento

de muitas pessoas, governadores de estados norte-americanos, podem ser dispensadas com a vacina”.

Na live, o presidente defendeu a ampliação do porte de armas e a revogação do Estatuto do Desarmamento.

O presidente estava ao lado do líder do PSL na Câmara, deputado Vitor Hugo.

“Enquanto eu for presidente, vamos lutar para que o cidadão de bem tenha armas e seja desobrigado a usar máscara, com o parecer do Ministério da Saúde favorável nesse sentido”, disse.

ESPECIALISTAS DIVERGEM

A vacinação não é suficiente para evitar a transmissão do coronavírus, segundo explicam especialistas consultados pelo Poder360.

“As vacinas para covid-19 disponíveis no Brasil são mais eficientes em reduzir a probabilidade de evolução para caso grave e para óbito, mas ainda é possível apresentar a doença leve, que pode ser transmissível, e uma forma de evitar a transmissão é o uso da máscara”, explica a infectologista Valéria Paes.

O cenário brasileiro é diferente, por exemplo, da situação epidemiológica dos EUA, que vêm [flexibilizando](#) as restrições e o uso de máscaras entre indivíduos “*plenamente vacinados*” contra a covid-19, ou seja, aqueles que já completaram o esquema vacinal.

“Os Estados Unidos estão apresentando uma curva decrescente dos casos e estão com uma cobertura vacinal muito maior do que temos no Brasil”, comenta Paes. “Aqui nós temos uma vacinação mais restrita, uma recomendação como essa [de desobrigar o uso de máscaras] será até injusta com as pessoas que não têm acesso à vacina”, afirma a médica.

Mesmo com a vacinação mais avançada nos EUA, [especialistas](#) norte-americanos já ressaltaram a importância do uso de máscaras de proteção mesmo entre aqueles que já foram imunizados. No Brasil, a média móvel de novos casos de covid-19 no país está acima de 50.000 desde o fim de fevereiro, indicando uma alta taxa de contágio.

REINFECÇÃO AINDA É REALIDADE

A ideia de que, uma vez infectada, a pessoa não tem chances significativas de se contaminar novamente e transmitir o vírus também é refutada por médicos, infectologistas e pesquisadores.

O médico Renato Kfoury, presidente da [Sociedade Brasileira de Imunizações](#), explica que, à medida em que a pandemia avança, a probabilidade de reinfecção por covid-19 acaba aumentando.

“Os dados mostram que às vezes por 4, 5 ou 6 meses dificilmente ocorre alguma reinfecção. Como já temos 1,5 ano de pandemia, a chance de reinfecção aumenta, já que a tendência é que a imunidade se perca com o passar do tempo”, observa.

Segundo ele, o Brasil só pode pensar em relaxar o uso de máscaras quando a taxa de transmissão for baixa. Por enquanto, desobrigar essa medida restritiva *“comprometeria todo o esforço que vem sendo feito para controle da transmissão”*.

A proliferação de novas cepas do coronavírus, como a [variante indiana](#), é outro fator que pode aumentar as chances de reinfecção. *“As novas variantes têm escapado da imunidade induzida pela infecção anterior. Quem teve uma infecção por uma variante em março do ano passado pode encontrar uma nova variante em circulação agora”, pontua.*

Michelle Fernandez, professora e pesquisadora do Instituto de Ciência Política da UNB (Universidade de Brasília), acredita ainda que a máscara será adotada como medida de higiene mesmo quando a pandemia for controlada no país. *“Possivelmente daqui para frente as máscaras vão passar a fazer parte do nosso dia a dia como etiqueta de higiene em caso de questões respiratórias, como acontece em outros países”, avalia.*

Anexo 4: Reportagem 4

Salles sugere 'ir passando a boiada' para mudar regras durante pandemia

Fala em reunião ministerial

Ocorrida em 22 de abril



Ministro Ricardo Salles (Meio Ambiente) afirmou que a atenção da imprensa está voltada para a covid-19 e 'vale muito a pena' alterar regulamentações durante o período.

PODER360

22.mai.2020 (sexta-feira) - 18h14

atualizado: 23.mai.2020 (sábado) - 18h17

O ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, disse o seguinte na reunião ministerial de 22 de abril:

Então pra isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de covid, e ir passando aboiada e mudando todo o regramento e simplificando normas. De IPHAN, de ministério da Agricultura, de ministério de Meio Ambiente, de ministério disso, de ministério daquilo. Agora é hora de unir esforços pra dar de baciada a simplificação de regulatório que nós precisamos, em todos os aspectos.

E deixar a AGU (Advocacia Geral da União) de stand by pra cada pau que tiver – porque vai ter, essa semana mesmo nós assinamos uma medida a pedido do ministério da Agricultura, que foi a simplificação da lei da Mata Atlântica, pra usar o código florestal. Hoje já tá nos jornais dizendo que vão entrar com ações judiciais e ação civil pública no Brasil inteiro contra a medida. Então pra isso nós temos que tá com a artilharia da AGU preparada pra cada linha que a gente avança ter uma coisa.

Mas tem uma lista enorme, em todos os ministérios que têm papel regulatório aqui, pra simplificar. Não precisamos de Congresso. Porque coisa que precisa de Congresso também, nesse, nesse fuzuê que está aí, nós não vamos conseguir aprovar. Agora tem um monte de coisa que é só, parecer, caneta; parecer, caneta.

Sem parecer também não tem caneta, porque dar uma canetada sem parecer é cana. Então isso aí vale muito a pena. A gente tem 1 espaço enorme pra fazer.

[O vídeo da reunião foi liberado nesta 6ª feira \(22.mai.2020\)](#) pelo ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Celso de Mello. A gravação é o principal elemento do inquérito que apura no Supremo suposta interferência do presidente Jair Bolsonaro na Polícia Federal, conforme relatou o ex ministro da Justiça e Segurança Pública Sergio Moro.

Anexo 5: Reportagem 5

Yanomamis são um povo diverso e generoso, diz antropólogo que estuda a etnia

À CNN Rádio, Marcelo Moura afirmou que crise humanitária poderia ter sido evitada



Mário Vilela/Funai

[Amanda Garcia da CNN](#) [Leticia Vidica](#)

31/01/2023 às 10:19 | Atualizado 16/03/2023 às 17:22

O antropólogo Marcelo Moura estuda in loco a etnia [yanomami](#) desde 2018 e classifica o povo como sendo “diverso e generoso.”. Em entrevista à **CNN Rádio**, no [CNN No Plural](#), ele afirmou que fez várias viagens e pôde conviver com os yanomami.

“Sempre me receberam com amizade, cuidado e generosidade sem comparação, durante todo o processo de convívio”, contou.

Segundo o especialista, eles puderam se manter protegidos por um longo período graças à demarcação de terras.

“Eles dependem da floresta, da integridade do ambiente para continuarem vivendo.”

Os yanomami, ele explica, estão no maior território indígena do país, com 9 milhões de hectares, “desde Roraima até o Amazonas”, na fronteira entre Brasil e Venezuela.

“Há diferentes realidades dentro desse território, eles permaneceram isolados por muitos séculos, com pouco contato com outras etnias.”

Para o antropólogo, [a crise humanitária de agora](#) passa por problemas além do garimpo ilegal, como a denúncia da piora das condições e oferta de serviços de saúde.

“Isso traz reflexos drásticos, aliados à concentração de casos de malária, que a gente vem acompanhando há anos e tentando denunciar.”

Marcelo Moura vê a situação como “desesperadora”: “A gente sabe que ela poderia ter sido evitada com série de ações ignoradas pela omissão do Governo Federal, e do governo estadual também”.

Anexo 6: Reportagem 6

Entenda a crise de saúde entre indígenas Yanomami e o que a devastação na Amazônia tem a ver com isso

Emergência sanitária em territórios indígenas tem como causa principal, segundo o governo, a exploração de garimpeiros na Terra Yanomami, em Roraima, maior reserva indígena do Brasil

Por Guilherme Justino, do Um Só Planeta

23/01/2023 16h41 Atualizado há 10 meses



Crianças Yanomami resgatadas no domingo (22) — Foto: WeibeTapeba/Sesai/Divulgação

Responsáveis pela maior terra indígena em extensão territorial no Brasil, os **povos Yanomani** voltaram a ganhar destaque no noticiário nos últimos dias devido a um triste contexto: graves casos de desnutrição e malária espalhados pela comunidade, que vive entre os estados do Amazonas e de Roraima. Os Yanomami passam por uma crise sanitária que já resultou na morte de 570 crianças por desnutrição e causas evitáveis nos últimos anos. A terra indígena sofre com a invasão de garimpeiros, que têm causado desorganização social e gerado problemas de segurança, dificultando ainda o acesso de equipes de saúde às regiões em que há doentes, de acordo com o governo federal.

Conforme a ministra da Saúde, Nísia Trindade, grande parte da razão que levou à tragédia sanitária revelada entre os povos dessa etnia está no **garimpo ilegal**. Essa atividade leva à contaminação dos rios e cria escavações no solo

que geram depósitos de água em que há proliferação de mosquitos. Com isso, há um aumento muito grande nos casos de malária, informou ela.

Agentes do Ministério Público Federal visitaram a Serra das Surucucus, em Roraima, e verificaram que garimpos ilegais ocuparam a região, utilizando as pistas de pouso da saúde indígena como apoio logístico de aeronaves e helicópteros. De acordo com relatório do MP, as comunidades indígenas estão cada vez mais próximas do garimpo e não podem usufruir de seu habitat tradicional, já muito degradado pelo **desmatamento** e pela poluição dos rios.

Confira, a seguir, algumas perguntas e respostas para entender a crise que vive este povo indígena e o que a **devastação na Amazônia** tem a ver com isso.

Quem são e onde vivem os Yanomani?

Os Yanomani são povos indígenas que vivem em tribos relativamente isoladas em florestas e montanhas do norte do Brasil e sul da Venezuela. Segundo o Instituto Socioambiental (ISA), em 2011, os Yanomani tinham uma população estimada em cerca de 35 mil pessoas. No Brasil, a **Terra Indígena Yanomani** é reconhecida por sua alta relevância em termo de proteção da **biodiversidade** amazônica. O território foi homologado por um decreto presidencial em 25 de maio de 1992.

Os povos Yanomani também constituem uma diversidade cultural e linguística formada por, pelo menos, quatro subgrupos de línguas da mesma família. São elas: Yanomae, Yanõmami, Sanima e Ninam. De acordo com a **Comissão Pró-Yanomami**, o etnônimo "Yanomami" foi produzido pelos antropólogos a partir da palavra yanõmami que, na expressão *yanõmamithëpë* (língua Yanomami ocidental), significa "**seres humanos**" (*yanomaethëpë* em Yanomami oriental). Essa expressão se opõe às categorias *yaropë* (animais de caça) e *yaithëpë* (seres invisíveis ou sem nome), mas também a *napëpë* (inimigo, estrangeiro, "branco").

Os Yanomani vivem na **Floresta Amazônica**, nos estados de Roraima e Amazonas, além do sul da Venezuela. O território Yanomani cobre aproximadamente 192 mil km². No Brasil, são 9.664.975 hectares de floresta tropical pertencentes à terra indígena. Os Yanomani vivem em casas coletivas

ou aldeias que eles consideram como uma entidade econômica e política autônoma.

O que está acontecendo no território?

A terra indígena Yanomami é a maior do país, em extensão territorial, e sofre com a invasão de garimpeiros. A contaminação da terra e da água pelo mercúrio utilizado no garimpo impacta na disponibilidade de alimento nas comunidades.

A situação de contaminação e fome já levou à morte 570 crianças nos últimos anos, sendo que 505 tinham menos de 1 ano, informaram autoridades. Além disso, em 2022 foram confirmados 11.530 casos de malária na região do Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami. As faixas etárias mais afetadas estão entre os maiores de 50 anos, seguidas pelas faixas de 18 a 49 anos e de 5 a 11 anos. Indígena com desnutrição severa recebe atendimento de equipes do Ministério da Saúde — Foto: Divulgação/Condisi-YY

Em artigo intitulado "[Degradação e violência na Terra Indígena Yanomami: análise do contato entre o indígena e o garimpeiro](#)", os pesquisadores Haroldo Epifânio de Souza e Zedequias de Oliveira Júnior afirmam que, para os Yanomami, a superexploração do ouro e os ideais que surgem disso "propagam o sentimento de dor e lamento, pois devido aos problemas do garimpo, [os indígenas] tornaram-se perdidos e levados para longe das suas relações com os seus ancestrais, os quais os ajudam a estar no mundo". Desde a última segunda-feira (16), equipes do Ministério da Saúde se encontram na região. O grupo se deparou com crianças e idosos em estado grave, com desnutrição acentuada, além de muitos casos de malária, infecção respiratória aguda (IRA) e outros problemas sanitários. Atualmente, cerca de 700 indígenas estão sendo atendidos em casas de apoio, a maioria crianças gravemente desnutridas. Uma das ações prioritárias, para o governo, é organizar a rede logística para o transporte de suprimentos e das pessoas entre as aldeias e a cidade, como a melhoria de pistas de pouso de aeronaves em regiões mais próximas às comunidades.

Por que essa situação está acontecendo?

A ministra da Saúde, Nísia Trindade, afirmou que o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) foi "omisso" em relação à saúde dos Yanomami.

Em [entrevista à BBC News Brasil](#), Trindade disse que os Yanomami estão em situação de desassistência e que o garimpo ilegal de ouro na região é a principal causa da crise de saúde que afeta a etnia.

Assim como o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Nísia Trindade também classificou a situação dos como um tipo de **genocídio**. O termo foi usado por Lula ao se referir ao caso no último final de semana. "Eu vejo o abandono como uma forma de genocídio e essa população estava desassistida. O genocídio também pode ocorrer por omissão", afirmou ela.

O que o governo está fazendo a respeito?

Para buscar solução à crise sanitária Yanomami, o Ministério da Saúde declarou emergência de saúde pública e criou o Comitê de Coordenação Nacional para discutir e adotar medidas em articulação entre os poderes para prestar atendimento a essa população. O presidente viajou a Roraima no final de semana para ver de perto a situação.

A ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara, que acompanhou o presidente Lula na viagem, destacou a situação dos Yanomami e prometeu medidas emergenciais para conter a crise de saúde. "É muito triste saber que indígenas, sobretudo 570 crianças Yanomami, morreram de fome durante o último governo. O Ministério dos Povos Indígenas tomará medidas urgentes em torno desta crise humanitária imposta contra nossos povos", disse a ministra em uma publicação no Twitter.

O Ministério da Saúde divulgou no domingo (22) um [link de cadastro](#) para inscrições de voluntários que queiram apoiar a Força Nacional do SUS. O formulário de inscrição pode ser acessado [aqui](#). O cadastro é permanente, de forma que convocações possam ser feitas em eventuais futuras missões. Para submeter a inscrição, é necessário preencher o nome completo e a área de formação. Os voluntários já convocados prestarão atendimento direto aos pacientes localizados na Casa de Saúde Indígena (Casai) Yanomami e assistência no hospital de campanha do Exército. A equipe é composta por médicos, enfermeiros e nutricionistas que atuarão de acordo com suas especialidades.

Na noite de sexta-feira (20) foi instituído o Comitê de Coordenação Nacional para Enfrentamento à Desassistência Sanitária das Populações em Território

Yanomami. O objetivo do grupo é discutir as medidas a serem adotadas e auxiliar na articulação interpoderes e interfederativa. Fazem parte a Casa Civil da Presidência da República, que coordenará o comitê, e os ministérios dos Povos Indígenas; da Saúde; da Defesa; da Justiça e Segurança Pública; do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome; e da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos.

O decreto foi publicado em edição extra do Diário Oficial da União. O plano de ação deve ser apresentado no prazo de 45 dias, e o comitê trabalhará por 90 dias, prazo que pode ser prorrogado.

O ministro da Justiça e Segurança Pública, Flávio Dino, afirmou que vai determinar abertura de inquérito policial para apurar o crime de genocídio e crimes ambientais na Terra Indígena Yanomami. Desde esta segunda-feira (23), a Polícia Federal está à frente das investigações para apurar as responsabilidades pela situação dos indígenas. Para Dino, “há fortes indícios de crime de genocídio” diante dos “sofrimentos criminosos impostos aos Yanomami”.

Anexo 7: Reportagem 7

A PIOR SITUAÇÃO HUMANITÁRIA QUE JÁ VI': OS RELATOS DE MÉDICO QUE FOI ATENDER OS YANOMAMI

• Da BBC News Brasil em Londres

22 janeiro 2023



Em visita ao território yanomami, Lula diz que a situação é 'desumana'.

O médico tropicalista André Siqueira, do Instituto Nacional de Infectologia da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), estava em terras yanomami desde segunda-feira (16/1). Nos últimos dias, ele diz ter testemunhado "a pior situação de saúde e humanitária" que já viu.

Enviado ao local pela Organização Pan-Americana de Saúde (Opas-OMS), o especialista em malária visitou o polo-base de Surucucu, em Roraima, e passou por outras comunidades da região.

"Nosso objetivo era fazer um diagnóstico rápido da situação e criar um plano de ação para mitigar ou resolver essas questões, em parceria com o Ministério da Saúde e as lideranças yanomami", contextualiza o médico, em entrevista à BBC News Brasil.

"O que vimos foi uma situação muito precária em termos de saúde, com pacientes acometidos por desnutrição grave, infecções respiratórias, muitos casos de malária e doenças diarreicas. Junto a isso, uma escassez de equipes e de estrutura", relata.

Siqueira diz que se deparou com casos de desnutrição extrema em famílias inteiras. Emocionado, o médico confessou que é muito difícil enfrentar essa situação, que classifica como "catastrófica" e "desastrosa".

O aumento de casos e mortes por desnutrição e malária na reserva indígena yanomami ligou o sinal de alerta do governo federal e motivou um decreto de Emergência de Saúde Pública neste território.

Ao lado de uma comitiva de ministros e secretários, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) fez uma visita à região no sábado (21/1) e classificou a situação como "desumana".

O Ministério da Saúde anunciou uma série de ações para tentar controlar a crise — como a instalação de um hospital de campanha e o envio de insumos e profissionais de saúde. Já o Ministério da Justiça determinou a abertura de um inquérito para "apurar o crime de genocídio" na região. O governo calcula que 570 crianças yanomami morreram nos últimos quatro anos.

Mas como a situação dos yanomami chegou a este ponto? Entenda a seguir os principais elementos que ajudam a explicar esse cenário de crise sanitária — e o que está sendo feito para reverter-lo.

A maior reserva indígena do Brasil

Segundo o Instituto Socioambiental (ISA), a terra indígena yanomami é habitada por oito povos, possui cerca de 26,7 mil habitantes e compreende uma área de 9,6 milhões de hectares.

Ela foi homologada e reconhecida pelo governo brasileiro em 1992, por meio de um decreto assinado pelo então presidente Fernando Collor (PTB). O território está localizado entre os Estados de Roraima e Amazonas ao norte, na divisa de Brasil e Venezuela.

Entre os povos que habitam o local, estão os yanomami, os ye'kwana, os isolados da Serra da Estrutura, os isolados do Amajari, os isolados do Auari/Fronteira, os isolados do Baixo Rio Cauaburis, os isolados Parawa e os isolados Surucucu/Kataroa.

O ISA também destaca quatro "riscos potenciais e problemas existentes" na terra indígena yanomami: os garimpeiros, os pescadores, os caçadores e os fazendeiros. Entre essas ameaças, o garimpo se tornou uma das grandes preocupações dos habitantes da região e de especialistas no tema.

O relatório Yanomami Sob Ataque, publicado em abril de 2022 pela Hutukara Associação Yanomami e pela Associação WanasseduumeYe'kwana, com assessoria técnica do ISA, faz um balanço da extração ilegal de ouro e outros minérios nessa região.

"Sabe-se que o problema do garimpo ilegal não é uma novidade na TIY [Terra Indígena Yanomami]. Entretanto, sua escala e intensidade cresceram de maneira impressionante nos últimos cinco anos. Dados do MapBiomas indicam que a partir de 2016 a curva de destruição do garimpo assumiu uma trajetória ascendente e, desde então, tem acumulado taxas cada vez maiores. Nos cálculos da plataforma, de 2016 a 2020 o garimpo na TIY cresceu nada menos que 3.350%", aponta o texto.

O levantamento das associações mostra que, em outubro de 2018, a área total destruída pelo garimpo somava pouco mais de 1.200 hectares.

"Desde então, a área impactada mais do que dobrou, atingindo em dezembro de 2021 o total de 3.272 hectares", continua a publicação.



Pista de pouso em terra yanomami que é usada por garimpeiros ilegais

Segundo os autores, há vários motivos para essa expansão, como "o aumento do preço do ouro no mercado internacional", "a falta de transparência na cadeia produtiva do ouro", "a fragilização das políticas ambientais e de

proteção a direitos dos povos indígenas" e "o agravamento da crise econômica e do desemprego no país", entre outros.

O texto também chama a atenção para o fato de que "o garimpo dos dias atuais é uma atividade financiada por empresários com alta capacidade de investimento e que concentram a maior parte da riqueza extraída ilegalmente da floresta yanomami".

Por fim, o relatório das associações aponta que o avanço do garimpo sobre as terras indígenas está atrelado a "perdas consideráveis" na qualidade de vida dos moradores da região, com pioras nos indicadores de violência, saúde e suporte social.

O Atlas da Violência 2021, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), revela que Roraima — onde fica parte da terra yanomami — tem uma das maiores taxas de violência letal contra indígenas, ao lado de Amapá, Rio Grande do Norte e Mato Grosso do Sul.

E a saúde?

Em resumo, as associações indígenas da região apontam que o garimpo ilegal está relacionado a três impactos imediatos na saúde da população.

Em primeiro lugar, "a atividade garimpeira ilegal está associada à maior incidência de doenças infectocontagiosas entre as comunidades indígenas, em especial a malária".

Siqueira explica que os garimpeiros circulam por muitas áreas e costumam usar medicamentos contrabandeados que até minimizam os sintomas de malária, mas não eliminam o parasita do organismo deles.

"Eles acabam se tornando uma fonte de dispersão [do patógeno], pois carregam o protozoário causador da doença para regiões que até têm o mosquito transmissor, mas estavam com a situação controlada", diz o médico.

O mosquito *Anopheles* é o responsável por transmitir o protozoário causador da malária

Em segundo lugar, a exploração dos minérios depende do uso de mercúrio, um composto tóxico que contamina a água e os alimentos consumidos pelas pessoas. A exposição a essa substância está relacionada a uma série de prejuízos à saúde, como doenças neurológicas em recém-nascidos.

Terceiro, as entidades relatam que "a situação de insegurança generalizada imposta pelo aumento da circulação de garimpeiros armados nas diferentes regiões da TIY tem causado transtornos ao atendimento à saúde das comunidades indígenas, com o total abandono de postos de saúde em alguns casos e, inclusive, a ocupação das pistas comunitárias para a operação e abastecimento do garimpo".

"Também é comum a queixa do desvio de medicamentos reservados para os indígenas para o atendimento de garimpeiros."

Siqueira acrescenta que, se a malária for diagnosticada e tratada em até 48 horas desde o início dos sintomas, é possível reduzir a transmissão para outras pessoas.

"Mas isso não está acontecendo na prática. O garimpo desmobiliza as equipes de profissionais, que não conseguem mais buscar os pacientes infectados e trazê-los para os polos de saúde", relata.

A junção desses vários fatores engatilhados pelo garimpo — aumento de casos de malária, falta de acesso à comida ou água potável e redução de serviços de saúde — ajuda a explicar as imagens compartilhadas nos últimos dias, que mostram crianças, adultos e idosos desnutridos e em estado crítico de saúde.

O relatório publicado pelo ISA cita o exemplo do que aconteceu no polo-base do Arathau, próximo ao rio Parima.

"Em 2020, foram realizados 11,2 mil atendimentos de saúde neste polo, e, em 2021, o número caiu para 2.800", comparam os autores.

"Como consequência, diversos pacientes com doenças passíveis de tratamento tiveram o seu quadro agravado, e alguns chegaram a óbito. Esse é o caso de um xamã de 50 anos que morreu na comunidade Macuxi Yano, em outubro, por não conseguir atendimento médico. E também a situação de duas crianças da casa Xaruna que morreram de malária em outubro, e de uma terceira criança da mesma comunidade vítima de malária e pneumonia, em novembro."

Um boletim epidemiológico divulgado pelo Ministério da Saúde em maio de 2022 traz um panorama da situação da malária em 2021.

As estatísticas revelam que o país registrou 145 mil casos de malária naquele ano. Desses, 45 mil foram diagnosticados em terra indígena, uma queda de 5,4% em comparação com 2020.

Já em áreas de garimpo, foram 20,4 mil casos, um aumento de 45,3% em relação ao ano anterior.

"Quando analisado esse incremento [em áreas de garimpo] no ano de 2021, é possível identificar que o aumento foi de 119,3% em Rondônia, de 111,7% em Roraima, de 94,9% no Amapá, de 66,7% em Mato Grosso, de 14,8% no Amazonas e de 13,5% no Pará", calcula o levantamento.

Já neste relatório, o governo admite "a necessidade de desenvolvimento de estratégias específicas de prevenção e controle de malária no contexto de vulnerabilidade das áreas" de garimpo.



O garimpo afeta a saúde da população por três caminhos distintos, apontam as pesquisas

Sinal de alerta ligado

Na última sexta-feira (20), o presidente Lula usou o Twitter para anunciar que faria uma visita à região.

"Recebemos informações sobre a absurda situação de desnutrição de crianças yanomami em Roraima. Amanhã viajarei ao Estado para oferecer o suporte do governo federal e, junto com nossos ministros, atuarmos pela garantia da vida de crianças yanomami", escreveu.

Ainda na sexta, o Ministério da Saúde decretou Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional neste território indígena.

Na mesma decisão, foi criado o Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública para "coordenar as medidas a serem empregadas durante o estado de emergência, incluindo a mobilização de recursos para o

restabelecimento dos serviços de saúde e a articulação com os gestores estaduais e municipais".

Em nota, o governo detalhou que técnicos do Ministério da Saúde estão na região yanomami desde 16 de janeiro. "O grupo se deparou com crianças e idosos em estado grave de saúde, com desnutrição grave, além de muitos casos de malária, infecção respiratória aguda (IRA) e outros agravos."

A ministra da Saúde, Nísia Trindade Lima, reafirmou nas redes sociais que "a situação é grave", com três mortes de crianças entre 24 e 27 de dezembro e mais de 11 mil casos de malária no ano passado.

Ela fez parte da comitiva que foi até o local no sábado (21), ao lado do presidente Lula e dos ministros Flávio Dino (Justiça e Segurança Pública), Wellington Dias (Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome), Silvinho Almeida (Direitos Humanos e Cidadania), Márcio Macedo (Secretaria-Geral da Presidência), Sonia Guajajara (Povos Indígenas) e do general Gonçalves Dias (Gabinete de Segurança Institucional).

"Se alguém me contasse que aqui em Roraima tinha pessoas sendo tratadas da forma desumana, como eu vi o povo yanomami sendo tratado aqui, eu não acreditaria. Tive acesso a umas fotos essa semana que efetivamente me abalaram, porque a gente não pode entender como é que um país que tem as condições deixar os nossos indígenas abandonados como eles estão aqui. É desumano o que eu vi", declarou.



Lula faz pronunciamento ao lado da comitiva de ministros e de lideranças indígenas.

Ele também fez críticas ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). "Sinceramente, se o presidente que deixou a Presidência esses dias em vez de fazer tantamotociata tivesse vergonha e viesse aqui uma vez, quem sabe esse povo não tivesse tão abandonado como está."

Em um canal do aplicativo de mensagens Telegram, Bolsonaro classificou a fala de Lula como "farsa da esquerda" e disse que "de 2020 a 2022, foram realizadas 20 ações de saúde que levaram atenção especializada para dentro dos territórios indígenas".

Para Siqueira, a visita de vários representantes do governo federal no sábado foi muito bem-vinda. "Trata-se de algo bastante forte, para mostrar que medidas estão sendo tomadas e serão garantidas", avalia.

Anexo 8: Reportagem 8

Terra Yanomami é palco de “tragédia humanitária”, dizem especialistas

Área é marcada por garimpo ilegal, violência sexual de mulheres e crianças, ameaças de morte e desestruturação dos postos de saúde

14/07/2022 - 20:23

Elaine Menke/Câmara dos Deputados



Dário Kopenawa e a deputada Joenia Wapichana

Entidades indigenistas e socioambientais denunciaram uma “tragédia humanitária” em curso na Terra Indígena Yanomami, durante audiência da comissão externa da Câmara dos Deputados nesta quinta-feira (14). A área, que ocupa partes dos estados de Roraima e Amazonas, é marcada por garimpo ilegal de ouro e cassiterita, violência sexual de mulheres e crianças, ameaças de morte e desestruturação dos postos de saúde.

O geógrafo e analista do Instituto Socioambiental (ISA) Estevão Senra apresentou dados atualizados do [relatório “Yanomami sob Ataque”](#): até abril deste ano, já havia 4 mil hectares impactados pelo garimpo ilegal dentro da terra indígena e mais de 40 pistas clandestinas a serviço de garimpeiros e narcotraficantes.

Em 2021, a região registrou quase 50% dos casos de malária do País e hoje existem cerca de 3 mil crianças com déficit nutricional, segundo Senra. “Hoje, a Terra Indígena Yanomami é palco de uma das maiores tragédias humanitárias que estão ocorrendo no Brasil. Os dois vetores principais dessa

crise são o avanço do garimpo ilegal e a má gestão do distrito sanitário, que se entrelaçam e vão se realimentando”, disse.

Apesar de anúncios de R\$ 200 milhões de recursos públicos aplicados em saúde indígena, as lideranças yanomâmi reclamam da falta de medicamentos e materiais básicos. Também denunciaram indicações políticas para o comando dos distritos sanitários. A coordenadora da comissão externa, deputada [Joenia Wapichana \(Rede-RR\)](#), já cobrou informações oficiais ao Tribunal de Contas da União e pretende pedir ao Supremo Tribunal Federal que determine providências ao Poder Executivo no âmbito de uma ação judicial (ADPF 709) já em curso.

“Realmente é uma crise humanitária. Nada justifica não ter remédio para vermes e questões básicas. É uma responsabilidade que tem de ser apurada. Uma vez que não tem uma providência enérgica para retirar garimpeiros, tem que se dar resposta para essa questão da saúde. Isso é mais do que urgente”, reclamou.

Relatos

Durante a audiência na Câmara, lideranças indígenas fizeram relatos dramáticos da situação da Terra Yanomami, homologada desde 1992 e com cerca de 30 mil pessoas vivendo hoje em 363 aldeias em 9,6 milhões de hectares da Floresta Amazônica. A região é palco de desmatamento, destruição do leito dos rios, contaminação por mercúrio, aumento dos casos de malária, acirramento de conflitos e violência, perda da soberania alimentar e desnutrição infantil.

O vice-presidente da Hutukara Associação Yanomami (HAY), Dário Kopenawa, citou o caso da comunidade Homoxi para mostrar o avanço do garimpo ilegal sobre área que deveria estar protegida. “A comunidade e o garimpo ficam muito próximos e, por isso, as nossas crianças estão tomando água contaminada por mercúrio, 615 yanomamis foram ameaçados de morte, os garimpeiros tomaram conta do posto de saúde yanomami. Então, a Terra Yanomami e (as margens do rio) Uraricoera estão virando quase cidades, com cantinas e prostituição entre os garimpeiros ilegais”.

Dário Kopenawa confirmou o avanço do narcotráfico na terra indígena, que fica em área de fronteira. O líder yanomami também fez um apelo aos parlamentares. “Tem facção, crime organizado e PCC: então, isso existe na

Terra Yanomami. Parlamentares, pressionem o governo federal para que retirem imediatamente os garimpeiros ilegais. Isso é para ontem”.

O presidente da Associação WanasseduumeYe'kwana, Júlio Rodrigues, ressaltou o impacto da violência na desestruturação comunitária dos Yanomami e Ye'kwana.

“Os jovens estão ficando mais agressivos por conta de ingerir bebidas alcoólicas e drogas. Não querem mais ficar nas comunidades. As mulheres estão ficando cada vez mais com medo e não conseguem mais ir para a roça depois que aconteceram muitos abusos sexuais pelos garimpeiros. É difícil viver”.

A audiência também contou com a presença de representantes da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), do Conselho Indígena de Roraima (CIR) e do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), que reclamaram da ausência de soluções mesmo diante de cobranças internacionais às autoridades brasileiras.